

RAFAEL DIAS DE MELO

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: SERÁ QUE OS ALUNOS
QUEREM SÓ JOGAR BOLA?**



CURITIBA

2005

RAFAEL DIAS DE MELO

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: SERÁ QUE OS ALUNOS
QUEREM SÓ JOGAR BOLA?**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Educação Física, no Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Ms. Sergio Roberto Chaves Junior

CURITIBA

2005

*A minha alma tá armada e apontada
para a cara do sossego.*

O Rappa

À Dona Maria, minha avó materna, por tudo o que fez e faz por mim ao longo de sua vida.

À memória de Vicente Santos Cid, meu avô materno e Conceição Ladislau da Silva, minha avó paterna, pois sem o carinho dos dois, não seria o que sou hoje.

À “Dona” Regina e ao “Seu” Zuka, meus pais, por tudo o que fizeram e fazem em prol dos filhos.

Ao Rodrigo e à Regiane, meus irmãos, pela compreensão nos meus momentos de dificuldade e mau humor.

À Pati, Rose, Tali e Willy, “meus outros irmãos”, pelos momentos de alegria e tristeza, pelos choros e risos, que muito tivemos nesses longos anos de faculdade.

Ao mestre Serginho, meu orientador, pela ajuda, paciência, dicas, ou seja, todo o auxílio que me destes ao longo deste ano de pesquisa.

À Vivi, minha namorada, pelo carinho que me dás, pela força que me passas, pelo amor que me tens. Obrigado anjo, por me ajudar com as dificuldades que passei neste período.

E a todos os meus amigos da faculdade. Amigos de sala, amigos de bar, amigos de corredor. Prefiro não citar nomes para não cometer injustiças, mas sintam-se todos lembrados.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	VII
RESUMO.....	VIII
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 PROBLEMA	3
1.2. OBJETIVOS	3
1.3. HIPÓTESES.....	4
1.4. METODOLOGIA.....	4
2. MAIS DO MESMO: OS PROBLEMAS “CLÁSSICOS” DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	8
2.1. O VELHO <i>BLÁ BLÁ BLÁ</i> DOS CONTEÚDOS.....	9
2.2. LAZER E SOLTAR A BOLA: ESPAÇO DENTRO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?	13
2.3. FALTA DE PREPARO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	14
2.4. ALGUMAS OUTRAS DESCULPAS.....	17
3. EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: O QUE NOS DIZEM OS "DOCUMENTOS OFICIAIS"?	19
3.1. CONCEPÇÃO DE ENSINO MÉDIO	19
3.2. QUEM SÃO OS JOVENS?.....	21
3.3 CARACTERIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	22
3.4. OBJETIVOS	26
3.5 CONTEÚDOS	28
4. O QUE NOS DIZEM OS ALUNOS?	34
4.1. BLOCO 1: VISÃO DOS ALUNOS COM RELAÇÃO ÀS AULAS.	34
4.2. BLOCO 2: AULAS NO PASSADO.	45
4.3. BLOCO 3: OPÇÕES DE CONTEÚDOS.	51
4.4. BLOCO 4: QUESTÕES GERAIS.....	70
4.5. BLOCO 5: IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	79
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXOS	92

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - O QUE OS ALUNOS MAIS GOSTAM	38
QUADRO 2 - O QUE OS ALUNOS MENOS GOSTAM	41
QUADRO 3 - CONTEÚDOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE 1ª A 4ª SÉRIES.....	46
QUADRO 4 - OPINIÃO DOS ALUNOS COM RELAÇÃO ÀS AULAS DE CAPOEIRA E LUTAS	59
QUADRO 5 - OPINIÃO DOS ALUNOS COM RELAÇÃO ÀS AULAS DE DANÇA.....	62
QUADRO 6 - OPINIÃO DOS ALUNOS COM RELAÇÃO ÀS BRINCADEIRAS E JOGOS.....	66

RESUMO

Neste trabalho procurou-se perceber se ocorre e porque ocorre alguma rejeição dos alunos do Ensino Médio com outros conteúdos da Educação Física, que não sejam os quatro esportes mais tradicionais. Na revisão de literatura são tratados alguns assuntos como as opções de conteúdos para as aulas de Educação Física; Educação Física como momento de lazer e diversão; formação dos professores e alguns outros possíveis fatores, que assim como estes citados, podem contribuir para a existência desta rejeição por parte dos alunos. Realiza-se também uma análise de alguns “documentos oficiais”, dentre os quais, os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio, as Orientações Curriculares Estaduais e o planejamento do colégio pesquisado, o qual pertence à rede estadual de ensino do estado do Paraná. Buscando uma maior aproximação com uma determinada realidade, foi realizado ainda um questionário com alunos do Ensino Médio da referida escola. Foram separadas as perguntas em blocos de análise, para maior facilidade na interpretação das respostas dos alunos. Os blocos são: visão dos alunos com relação às aulas de Educação Física, aulas no passado, opções de conteúdos, algumas questões gerais, e a importância das aulas de Educação Física para os alunos deste colégio. Por fim, são apresentadas algumas considerações finais sobre os resultados obtidos. Algumas destas considerações são: Conteúdos repetidos desde a 5ª série; conteúdos trabalhados são os quatro esportes mais tradicionais; boa parte dos alunos acredita ser a Educação Física um momento de liberdade, de diversão, de fuga da sala de aula; os alunos em sua grande maioria disseram estar propícios à prática de atividades relacionadas às lutas e à capoeira; existe ainda uma aversão por parte dos meninos quando tratamos de aulas de dança; com relação às brincadeiras, alguns alunos afirmaram que estas seriam muito infantis para serem trabalhadas no Ensino Médio; já para as aulas teóricas, os alunos são, em sua maioria, contrários em relação à presença destas. Os que compreendem sua existência a justificam dizendo ser necessário aprender as regras dos esportes. E algumas outras considerações se fazem presentes.

Palavras-chaves: Educação Física escolar; Ensino Médio; seleção de conteúdos.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho realizei uma análise de um tópico que acredito não vem recebendo muita atenção dos professores ou profissionais de educação física, que é a possível rejeição, e/ou não participação dos alunos do Ensino Médio quando são propostos “outros” conteúdos nas aulas de Educação Física.

Pesquisando alguns acervos bibliográficos encontramos diversas monografias e artigos que tratam da incapacidade dos professores, livros que criticam a reprodução e o tecnicismo, mas encontramos poucos trabalhos que relatem uma possível rejeição, falta de motivação e interesse que os alunos podem ter quando o professor se propõe a desenvolver “outros” conteúdos para as aulas. Quando falo em “outros” conteúdos, quero deixar claro que estou falando da dança, da capoeira, das lutas, das brincadeiras, dos jogos e outros. Estou definindo-os como “outros” conteúdos porque acredito que eles não são regularmente praticados na escola, principalmente no Ensino Médio, ao contrário de alguns esportes como o vôlei, o futebol, o basquete e o handebol, com uma ênfase maior para os dois primeiros.

A minha escolha foi pelo Ensino Médio, já que este é voltado a jovens adolescentes, o que exige um tratamento diferente daquele dado para as crianças. Além disso, é muito comum que os professores trabalhem os mesmos conteúdos desde a quinta série até o Ensino Médio, algo que é pouco aceitável (para nós, futuros professores e para os próprios alunos). A falta de publicações para temáticas voltadas ao Ensino Médio também fez com que meu interesse surgisse por esse nível da Educação Básica. E como nos afirmam as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (OCNEM)¹,

O Ensino Médio deve ser planejado em consonância com as características sociais, culturais e cognitivas do sujeito, tendo como referencial desta última etapa da Educação Básica: adolescentes, jovens e adultos. Cada um desses tempos de vida tem a sua singularidade, como síntese do desenvolvimento biológico e da experiência social. Se a construção do conhecimento científico, tecnológico e cultural é também um processo sócio-histórico, o Ensino Médio pode configurar-se como um momento em que necessidades, interesses, curiosidades e saberes diversos confrontam-se

¹ Este é um documento introdutório do ministério da Educação que ainda está em fase de construção e, conseqüentemente, não está em vigência ainda.

com os saberes sistematizados, produzindo aprendizagens socialmente e subjetivamente significativas. Num processo educativo centrado no sujeito, a Educação Média deve abranger todas as dimensões da vida, possibilitando o desenvolvimento pleno das potencialidades do educando. (BRASIL, 2005, p.9-10)

Mas, bom seria se fosse possível vivenciar todas as propostas dos OCNEM e, se realmente fosse aplicado à nossa realidade a seguinte afirmação: “O retrato sócioeconômico da juventude brasileira exige que a Educação Média atenda a uma dupla necessidade: direito a uma formação humanística geral de qualidade e o acesso a conhecimentos humanísticos e específicos que viabilizem a continuidade dos estudos e o ingresso na vida produtiva” (ibid, p.9). Infelizmente, a realidade do ensino no Brasil não permite que as nossas escolas oportunizem os alunos a estas propostas, especialmente quando tratamos de escolas públicas, onde os recursos destinados pelo governo não são suficientes para suprirem as principais necessidades das instituições de ensino.

Temos também que no Brasil, o Ensino Médio se tornou um ensino apenas preparatório. Para alguns, preparatório para a entrada na Universidade, e para outros, uma melhor oportunidade no campo de trabalho. É notório que essa preparação para a entrada no Ensino Superior existe de uma melhor forma nos colégios de ensino particular. Estes preparam os alunos de uma forma técnica, preocupada apenas com a aprovação no processo vestibular, ou seja, ensinam aquilo que eles precisam aprender para se tornarem acadêmicos. Já os colégios públicos, formam os alunos, em sua maioria, apenas para serem lançados no mundo do trabalho. Muitos desses alunos estão no colégio pois sabem que é importante concluir o Ensino Médio para conseguir uma melhor oferta de trabalho. Alguns alunos sabem que não conseguirão entrar numa universidade, então, pouco se preocupam com o conhecimento que poderiam adquirir no Ensino Médio. Querem apenas concluir a Educação Básica. Portanto, é notório que o Ensino Médio pouco se preocupa com questões importantes para a formação do ser humano.

O aluno de escolas públicas está muito longe de dominar aspectos primários do exercício de cidadania, quando não consegue questionar a falta de acesso aos bens básicos de consumo e sobrevivência; quando não consegue exigir melhor qualidade de vida e maior participação nas decisões políticas e jurídicas, quando não domina, com fundamento, a linguagem falada e escrita; quando não consegue dialogar com o poder; quando não entende os fundamentos da economia política, tais como mecanismos de inflação, orçamentos públicos; quando não consegue compreender

as manifestações artísticas em seus vários aspectos e estilos; e no campo da Educação Física, quando não consegue articular, com autonomia, a ocupação de espaços públicos de lazer, planejar individual e coletivamente sua forma física; quando não consegue avaliar criticamente os serviços que lhes são prestados no campo do esporte, do lazer ou da busca pela estética corporal desejada; enfim, quando não consegue se organizar para exigir do poder público garantias de espaços qualificados e seguros, sem precisar recorrer a mecanismos de fiscalização corporativos. (ibid, p.112)

Sabemos que a maior parte dos alunos de escolas públicas não possui esses aspectos do exercício da cidadania. Mas é possível afirmar que boa parte dos alunos de escolas particulares também não possui, já que o seu ensino é pautado principalmente em conhecimentos que supostamente são importantes para o processo vestibular.

A expansão das escolas privadas no Brasil, particularmente no período de ascensão do neoliberalismo (1994-2002), não levou em consideração a necessidade de construção de espaços e materiais adequados e de elaboração de projetos político e pedagógicos que pudessem oferecer um Ensino Médio que fosse além da promessa de um bom desempenho do aluno no vestibular. A educação concebida como comércio não permite preocupações com um processo longo e de construção de uma tradição de produção cultural. (ibid, p.117-118)

Com isso, temos que o nosso Ensino Médio se torna precário e insuficiente na formação dos nossos cidadãos, tanto no ensino público, como no ensino privado.

1.1 PROBLEMA

A partir destas questões, entendo ser necessário perceber se ocorre e por que ocorre rejeição e/ou falta de motivação dos alunos do Ensino Médio com relação aos demais conteúdos possíveis de serem trabalhados nas aulas de Educação Física.

1.2. OBJETIVOS

Descobrir quais as possíveis causas de uma parte dos alunos do Ensino Médio não aceitarem que as aulas de Educação Física sejam compostas por “outros” conteúdos, já que é possível que o interesse de grande parte desses alunos seja apenas praticar os quatro bols: futebol, voleibol, basquetebol e handebol.

Tentar perceber a necessidade/interesse dos alunos com relação a essas outras possibilidades de conteúdos para as aulas de Educação Física.

1.3. HIPÓTESES

Dentre algumas possíveis causas dessa rejeição/falta de interesse dos alunos do Ensino Médio com relação às aulas de Educação Física, apresento em forma de tópicos, questões que considero como os principais fatores (des)motivadores presentes nas aulas. Estes fatores, que serão trabalhados com maior ênfase na revisão de literatura, são os seguintes:

- Predominância de determinados conteúdos (os “bols”);
- Aulas de Educação Física vistas como momentos de lazer e diversão;
- Falta de preparo do professor de Educação Física;
- Alguns outros possíveis motivos que também serão analisados.

1.4. METODOLOGIA

A presente pesquisa, a partir da discussão teórica proposta, tem como objetivo a observação da prática pedagógica dos professores de Educação Física no Ensino Médio, assim como tentar perceber de que forma os alunos compreendem a importância desta disciplina. Sendo assim, esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa etnográfica. Segundo Marli ANDRÉ

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. (1995, p. 27)

Alguns alunos do colégio selecionado, o qual faz parte de rede de ensino pública do estado do Paraná, responderam a um questionário² com perguntas

² O questionário está em anexo.

abertas e, através destas respostas, aliada com as questões trabalhadas na revisão de literatura, foi feita a apresentação dos resultados.

O questionário foi entregue às turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio deste colégio. Cada uma das turmas possui em média 30 – 35 alunos. Foi entregue um total de 83 questionários aos alunos das respectivas séries. Apenas os alunos que estavam presentes no determinado dia receberam o questionário. Deste total de questionários entregues, 54 retornaram no prazo solicitado. Três alunos entregaram o questionário quando a análise dos dados já estava sendo realizada e conseqüentemente ficaram de fora dos resultados da pesquisa. Assim sendo, temos que 26 alunos não devolveram o questionário.

Deste total de questionários que retornaram, apenas 13 são de alunos do 1º ano, sendo que 7 são meninas e 6 são meninos. Já os alunos do 2º ano, devolveram um total de 21 questionários, sendo estes 13 meninas e 8 meninos. E na turma do 3º ano, com o total de 19 questionários respondidos, temos que 18 são meninas e apenas um é menino. A turma do 3º ano deste colégio possui uma especificidade pelo fato de que somente três meninos estão matriculados nesta turma. Há ainda um aluno que não colocou a turma e não foi possível identificar de que série este aluno pertence. Em números totais, temos 38 questionários de meninas e 16 de meninos.

O questionário foi formulado com questões que acredito possam ajudar a desvendar o problema aqui encontrado. As primeiras perguntas do questionário visam encontrar o que os alunos acreditam que seja a Educação Física; o que eles gostam e não gostam; o que eles gostariam de ter na aula. Num “segundo bloco” de perguntas, quais seriam os conteúdos da Educação Física: Se eles gostariam de ter aulas de capoeira e lutas; aulas de dança; brincadeiras e jogos. As últimas perguntas são relacionadas às experiências anteriores dos alunos, quando pergunto o que eles tiveram nas aulas de 1ª a 4ª série e na 5ª a 8ª, e as impossibilidades que as aulas possuem na visão deles: Se eles aceitam aulas teóricas; o que eles acham dos espaços e materiais disponíveis, e a realização de aulas mistas. Por fim, qual a importância das aulas de Educação Física na visão destes alunos.

A apresentação desses resultados foi feita através da análise e interpretação das respostas dos alunos, buscando entender de que forma as práticas são constituídas, a partir das experiências dos sujeitos envolvidos e das condições

objetivos/materiais para tal execução. Tendo em vista que este questionário é aberto, pode não ser possível “codificar” e “classificar” todas as respostas apresentadas pelos alunos. É importante deixar bem claro que esta pesquisa não tem o intuito de ser quantitativa, e sim qualitativa, e que a importância maior nesse trabalho será em relação a algumas respostas que tenham significância para o entendimento da prática pedagógica, e não com o percentual de respostas atribuídas a uma única questão. Até por isso, acredito não ser tão fundamental a existência de gráficos neste trabalho, embora em alguns momentos estes se fizeram importantes, para melhor visualização das respostas e das análises.

Realizei também a observação de algumas aulas de Educação Física, realizadas com as turmas a serem pesquisadas, todas as sextas-feiras, das 7:30 às 10:00 h. Além das aulas de sextas-feiras, as turmas possuem mais uma aula de Educação Física semanalmente, que são realizadas nas quartas-feiras. Um total de 5 observações foram realizadas, tendo início em 05 de agosto de 2005 e término em 02 de setembro de 2005. Nesta última data foi feita a entrega dos questionários aos alunos, que tinham o prazo de uma semana para retornarem ao professor e este me entregar.

Cabe deixar claro que, por ser uma pesquisa de cunho etnográfico e pelos dados serem mediados pelo instrumento humano - o próprio pesquisador -, a metodologia poderá tranquilamente, segundo Marli ANDRÉ, sofrer modificações no decorrer da pesquisa.

O fato de ser uma pessoa o põe numa posição bem diferente de outros tipos de instrumentos, porque permite que ele responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta, se necessário, revendo as questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho (ANDRÉ, 1995, p. 28-29)

Portanto, ao término desta introdução, quero apresentar que no primeiro capítulo são tratados alguns assuntos como as opções de conteúdos para as aulas de Educação Física; Educação Física como momento de lazer e diversão; formação dos professores de Educação Física e alguns outros possíveis fatores, que assim como estes citados, podem contribuir para a existência desta rejeição por parte dos alunos.

Na seqüência, é realizada uma análise de alguns “documentos oficiais”, dentre os quais, os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio, as Orientações Curriculares Estaduais e o planejamento do colégio pesquisado.

Já na apresentação dos dados, analiso as respostas dos alunos em blocos de análise, para maior facilidade na interpretação das respostas dos alunos. Os blocos são: visão dos alunos com relação às aulas de Educação Física, aulas no passado, opções de conteúdos, algumas questões gerais, e a importância das aulas de Educação Física para os alunos deste colégio. E ao término do trabalho apresento considerações finais sobre os resultados obtidos.

2. MAIS DO MESMO: os problemas “clássicos” da Educação Física escolar.

Neste momento desenvolvo o trabalho através de tópicos que acredito serem os responsáveis pela ocorrência do nosso problema, ou seja, os responsáveis por uma possível rejeição dos alunos do Ensino Médio com relação a outros conteúdos para as aulas de Educação Física. Falarei sobre os conteúdos da Educação Física; a Educação Física como momento de lazer e diversão; a falta de preparo do profissional de Educação Física; e alguns outros possíveis fatores.

No primeiro tópico, sobre os conteúdos da Educação Física, serão apresentadas algumas abordagens propostas por alguns dos principais autores da área. Observei o que é sugerido como conteúdos das aulas de Educação Física por estes diversos autores, já que acredito que os esportes, ainda mais trabalhados da maneira como estão sendo, não sejam os únicos conteúdos a serem utilizados nas aulas de Educação Física no Ensino Médio.

No segundo momento, o enfoque foi dado para a visão que muitos dos atores escolares têm da Educação Física: que esta é apenas um momento em que os alunos devem relaxar para ficarem dispostos para assistir às outras aulas.

Na sequência, trato da formação dos professores de Educação Física, já que a dificuldade dos professores em trabalhar alguns conteúdos é um fator importante para que não sejam trabalhadas as diferentes possibilidades de conteúdos nas aulas.

O último tópico trata de alguns possíveis fatores para a não-presença de todos os conteúdos da disciplina. Foram tratados de uma maneira geral, não por serem menos importantes, mas por serem problemas existentes de uma forma mais restrita. Os três primeiros tópicos são dificuldades encontradas pela Educação Física como um todo, como disciplina escolar, e os problemas tratados neste último momento levam mais em conta problemas de determinadas localidades, de determinados contextos, e, com isso, serão tratados num único tópico.

2.1. O VELHO *BLÁ BLÁ BLÁ* DOS CONTEÚDOS

A Educação Física é uma área de ensino escolar muito ampla que pode trabalhar com diversas possibilidades. Na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental é essencial que os professores trabalhem o desenvolvimento afetivo e psico-social da criança. Como afirma Nelson MARCELLINO (2001), “através do prazer, o brincar possibilita à criança a vivência de sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da cultura da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de ‘produtividade social’”.

Além disso, é importante um trabalho visando o desenvolvimento motor das crianças, onde será criada uma série de novas habilidades motoras nos alunos. De uma forma lúdica é que se trabalha com as crianças nessas séries escolares.

A Educação Física na cultura escolar é um espaço de práticas corporais lúdicas. Elas são o conteúdo que a Educação Física deve tratar e ensinar em suas aulas, ou seja, seu objeto de estudo. Elas podem ser inventadas pelas crianças, ou podem pertencer à cultura mais ampla, seja da comunidade do bairro onde está a escola, seja a da cidade, a do estado ou até de outros países. Neste caso, a Educação Física seria uma mediadora entre as crianças de uma escola e as práticas corporais lúdicas universalmente criadas. (Tarcisio VAGO, 1996, p, 54)

Como afirma Jocimar DAÓLIO (1996), nas primeiras séries do Ensino Fundamental, a Educação Física deve propiciar uma gama de oportunidades motoras, para que os alunos cultivem sua capacidade de movimentação, descobrindo novas expressões corporais, dominando o seu corpo. Já para as séries intermediárias, o autor afirma que deve ser trabalhado o desenvolvimento e a reconstrução das técnicas esportivas, ginásticas ou de dança. Mas não deve existir uma padronização no ensino por parte dos professores.

Não é para ensinar a técnica considerada correta aos alunos, mas propiciar aos alunos o desenvolvimento de uma série de relações com o espaço, com bolas, com implementos, com o colega, com o ritmo, com vários alvos, com diferentes adversários. Dessa maneira, a técnica não será aprendida de forma repetitiva. Elas serão reconstruídas pelos alunos, sendo, portanto, mais significativas a eles (ibid; p,41-42).

Mas quando se chega nas últimas séries do Ensino Fundamental, e nas séries do Ensino Médio, as aulas de Educação Física tornam-se, na maioria dos

colégios, aulas de iniciação esportiva, já que são mais trabalhadas as técnicas, táticas, e regras dos quatro esportes tradicionais: o basquete, o futebol, o handebol, e o vôlei. Em alguns casos não são nem trabalhados todos, pois o professor só trabalha o vôlei e o futebol, por exemplo. DAÓLIO (op.cit) afirma que, diferentemente das séries anteriores, nas séries finais do Ensino Fundamental e nas séries do Ensino Médio, devem ser trabalhadas através da capacidade cognitiva dos alunos. Os alunos adolescentes são capazes de não só vivenciar as atividades, mas também compreendê-las, criticá-las, transformá-las.

Existem diferentes abordagens que tratam da Educação Física na escola. É importante que saibamos um pouco sobre o que defende cada uma. Apresento algumas delas, destacando suas principais características.

A abordagem desenvolvimentista, que tem como principal autor Go Tani, é dirigida a crianças de quatro a quatorze anos. Vai especificar seu trabalho no desenvolvimento físico, fisiológico e cognitivo das crianças. Os “conteúdos de ensino devem ser desenvolvidos segundo uma ordem de habilidades, do mais simples que são as habilidades básicas, para as mais complexas, as habilidades específicas” (Suraya DARIDO, 2003, p.5). A avaliação é realizada analisando-se o ganho de habilidades motoras dos alunos. Os movimentos específicos são realizados através da prática dos esportes, do jogo, da dança e de atividades industriais.

Outra abordagem, proposta por Mauro Betti, é a abordagem sistêmica. A função da Educação Física, segundo o autor é “integrar e introduzir o aluno de 1º e 2º graus no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física...” (BETTI, 1992, p.285). Os conteúdos são os jogos, o esporte, a dança e a ginástica.

A abordagem construtivista, apresentada pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), que tem como colaborador na área da Educação Física o professor João Batista Freire, defende que “no construtivismo, a intenção é a construção do conhecimento a partir de interação do sujeito com o mundo, numa relação que extrapola o simples exercício de ensinar e aprender” (CENP, 1990 citado por DARIDO, 2003: p.6-7). Nesta abordagem, deve-se tentar resgatar a cultura popular dos jogos e das brincadeiras de rua. Portanto, temos os jogos como

grande conteúdo a ser trabalhado nesta abordagem. Segundo o autor, enquanto a criança joga ou brinca, a criança aprende.

A partir da década de 80, alguns autores começam a fundamentar suas propostas baseadas numa tendência marxistas. Essas abordagens são denominadas de teorias críticas ou progressistas, e passaram a questionar o papel alienante da escola na formação dos alunos. Elas têm como objetivo realizar um rompimento com o modelo hegemônico do esporte, e a aptidão física. Com isso, temos a abordagem crítico-superadora, que tem suas idéias principais difundidas no livro *Metodologia do Ensino da Educação Física*, escrito por um coletivo de autores. Nesta obra, defende-se a transformação social, através de reflexões pedagógicas nas aulas de Educação Física. Os autores afirmam que se deve realizar uma interdependência entre jogo, esporte, ginástica, capoeira e dança – conteúdos da Educação Física por eles defendidos – e os problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações de trabalho, preconceitos diversos e outros.

A reflexão sobre esses problemas é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social. Isto quer dizer que cabe à escola promover a apreensão da prática social. Portanto, os conteúdos devem ser buscados dentro dela (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p,63).

Outra abordagem desta tendência crítica é a crítico-emancipatória, representada por Elenor KUNZ, principalmente com o livro *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ele vem fazer uma crítica à abordagem crítico-superadora, já que o autor acredita que há algumas impossibilidades nessa proposta. KUNZ apresenta “uma reflexão sobre as possibilidades de ensinar os esportes pela sua transformação didático-pedagógica, de tal modo que a educação contribua para a reflexão crítica e emancipatória das crianças e jovens” (DARIDO, 2003, p.15). E como o autor afirma:

Em lugar de ensinar os esportes na Educação Física escolar pelo simples desenvolvimento de habilidades e técnicas do esporte, numa concepção crítico-emancipatória, deverão ser incluídos conteúdos de caráter teórico-prático que além de tornar o fenômeno esportivo transparente, permite aos alunos melhor organizar a sua realidade de esporte, movimentos e jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidades (KUNZ, 1994, p,36).

Jocimar DAÓLIO propõe a abordagem cultural, que vem criticar a perspectiva biológica que ainda domina a Educação Física na escola. Ele diz que os alunos não são somente ossos, músculos e articulações. São corpos diferentes, e por isso devem ser trabalhados de maneira diferente. O autor procura ampliar o conceito de técnicas corporais à prática da Educação Física, chegando à conclusão de que todo movimento corporal é considerado um gesto técnico e que não podemos classificá-lo como melhores ou piores. E o autor ainda diz que toda técnica é cultural, já que é fruto de uma aprendizagem específica de uma determinada sociedade, num determinado momento histórico.

É claro que os professores de Educação Física não devem se prender a uma única vertente. Acredito inclusive que não é possível que um professor seja sempre seguidor de uma única abordagem. Portanto, ao meu ver todas essas abordagens têm sua importância, seu valor, e ao mesmo tempo, todas têm seus defeitos, suas impossibilidades. Então, por esse motivo resolvi mostrar um pouco de cada uma, já seria contraditório à minha visão, se eu escolhesse apenas uma abordagem e a tivesse como base de toda a minha pesquisa.

É interessante observarmos que todas elas afirmam a importância de se realizar mudanças nas aulas de Educação Física. E todas elas propõem uma transformação, uma quebra com o modelo de ensino vigente. Mas por que será que não vemos essas idéias serem aplicadas nas aulas? Por que temos as aulas no mesmo modelo a diversos anos? Idéias não faltam para que se reformule a Educação Física escolar, mas são poucos os professores que conseguem uma mudança significativa, prática, nas aulas de Educação Física.

E pode-se dizer ainda que todas as propostas apresentadas nos afirmam que são conteúdos da Educação Física tanto os esportes, como a dança, a capoeira, os jogos, as brincadeiras e as lutas. Mas, sabe-se que na maioria das vezes só são trabalhados o futebol, o vôlei, o basquete e o handebol. Por quê? Acredito que essa seja a questão a ser resolvida pelos pesquisadores e professores da área da Educação Física.

2.2. LAZER E SOLTAR A BOLA: ESPAÇO DENTRO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Outro ponto que considero importante para ser realizado, refere-se àquilo que boa parte dos alunos acham das aulas de Educação Física: que são momentos de lazer, de diversão. E muitas vezes, não são somente os alunos que vêem as aulas de Educação Física como lazer. Professores de outras disciplinas escolares, funcionários da escola, pais de alunos, enfim, boa parte da comunidade escolar acreditam que a Educação Física serve para “desestressar” os alunos, principalmente para uma turma do terceiro ano do Ensino Médio, que irá enfrentar o processo vestibular para a entrada no ensino superior, a Educação Física pode contribuir para relaxar os alunos e tirar-lhes um pouco da pressão que estão vivendo.

Não acredito que seja errado esse pensamento. Como afirma o COLETIVO DE AUTORES (1996, p.40), “O ensino da Educação Física tem também um sentido lúdico que busca instigar a criatividade humana à adoção de uma postura produtiva e criadora de cultura, tanto no mundo do trabalho como no do lazer”. Assim, a Educação Física deve sim proporcionar momentos de prazer para os alunos, mas não com um fim em si mesmo. Portanto, é lazer sim, mas um lazer, com responsabilidade. Deve ser um lazer, mas abalizado em conteúdos educativos. Há a necessidade de um contexto, de um objetivo educacional que envolva a prática que está sendo realizada. Temos que tentar acabar com isso que nos mostra Marcus TABORDA DE OLIVEIRA quando diz que

A aula de Educação Física na escola tem se configurado como um tempo de passar tempo. É freqüente nos depararmos com aulas em que o professor observa ou participa de peladas, enquanto um conjunto de alunos, em muitos casos majoritário, apenas observa à margem o que se passa. Essas atividades se desenvolvem sem qualquer preocupação com organização, conteúdos, ensino, aprendizagem e etc. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003, p.160)

Alguns estudiosos da área do lazer o conceituam de duas formas diferentes: uma que o considera com um tempo de não trabalho, e a outra que o define como atitude, ou estilo de vida. O que melhor se encaixa neste trabalho é a questão da atitude, como diz MARCELLINO (1987, p.29):

O lazer considerado como "atitude" será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente, a satisfação provocada pela atividade. Assim, qualquer situação poderá se constituir em oportunidade para a prática do lazer – até mesmo o trabalho.

Então, temos que nossos alunos aproveitam-se de um momento de "trabalho", que seria a sua participação na escola, e tentam transformá-las em um momento de lazer, em algo prazeroso.

Mas além do lazer, diz-se que a Educação Física é diversão. E, para alguns, o que é mais divertido do que jogar futebol ou vôlei? Mas se o professor resolve fazer uma reflexão sobre a prática pedagógica, alguns alunos passam a não estarem dispostos a essa discussão. Um exemplo deste caso pode acontecer quando o professor tenta aplicar uma aula de capoeira. Os alunos, em sua maioria participam da aula (prática), aproveitam a aula, mas se o professor resolver fazer uma reflexão sobre os componentes históricos, culturais e sociais da capoeira, alguns alunos passam a não mais se interessar pelo assunto. Eles não acreditam que a Educação Física exista para isso. Aham que a disciplina não deve ter aulas reflexivas. Mas volto a afirmar que isto é apenas uma idéia que eu tenho. Então, no capítulo 4 onde trato da coleta dos dados obtidos na empiria, poderemos verificar se ocorre ou não esse fato.

2.3. FALTA DE PREPARO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Não são somente os alunos, pais e professores de outras disciplinas que "desvalorizam" a Educação Física. Os próprios professores às vezes não oferecem aos alunos os demais conteúdos da disciplina, contribuindo para essa situação de desconsideração da disciplina. O professor às vezes não acredita ser capaz, ou não tem interesse em trabalhar o que não se refere aos esportes mais comuns. Nesse sentido, não podemos afirmar que existe uma falta de vontade dos alunos, já que eles nunca tiveram a oportunidade de vivenciar aulas de Educação Física que tratem não apenas esses esportes mais populares.

Acredito que grande parte dos professores de Educação Física que trabalham na rede de ensino atualmente foi formada numa época em que a esportivização da

Educação Física estava em alta, com a idéia de que é na escola que se descobrem novos talentos esportivos. “Os governos militares que assumiram o poder em março de 1964 passam a investir pesado no esporte na tentativa de fazer da Educação Física um sustentáculo ideológico, na medida em que ela participaria na promoção do país através do êxito em competições de alto nível” (DARIDO, 2003 p.2). Com isso, os professores formados neste período de ditadura militar, e nos anos seguintes, não tiveram uma formação acadêmica para trabalhar algo que não seja os esportes e seus gestos técnicos. Ou se tiveram, não sentem-se confortáveis ou capazes de ministrar uma aula que não seja aquelas que mais comumente eles trabalham.

Maria Regina COSTA (1999) em sua tese de doutorado nos conta um pouco sobre a sua própria formação universitária, e nos afirma que “o curso de Licenciatura em Educação Física estava fundamentado nas diferentes técnicas dos esportes ou em diferentes atividades para crianças e adolescentes sem uma preocupação de ir além das atividades e das suas relações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e biomecânicas, ou seja, com um fim em si mesmas.” E continua dizendo que “o tipo de formação que obtive foi essencialmente técnica, o que posso dizer é que fui formada numa escola de esportes, e não numa escola de educação esportiva ou de educação acerca dos movimentos corporais.” (COSTA, 1999; p.16-17). A autora nos apresenta uma passagem que acredito ser interessante expor:

...um belo dia estava trabalhando com as atividades de lateralidade com as/os alunas/os, e um jovem que vivia no bairro começou a brincar com uma faca, fazendo da placa de trânsito que colocava na rua para proibir a passagem de automóveis³ o seu alvo. Afastei as/os alunas/os, e tentei conversar com o rapaz, mas não adiantou absolutamente nada porque ele simplesmente fez de conta que eu não existia. Neste momento entendi que, a minha tarefa como professora de Educação Física numa escola de primeiro grau era muito mais do que ensinar atividades físicas para crianças de um bairro pobre. Porém, não sabia se era capaz porque não havia sido formada para isso, sentia-me incapacitada para continuar. Foi exatamente aí que percebi que a minha formação inicial foi ingênua, descontextualizada, e descompromissada enquanto educadora de uma escola pública e gratuita. Até então, acreditava que a formação em Educação Física era para atuar na escola. A experiência demonstrou que não. (ibid, p.20)

³ Num momento anterior, a autora havia dito que nessa escola onde ela trabalhava não havia local para a prática das aulas, e que estas tinham que ser realizadas na rua. Com isso, ela colocava duas placas de trânsito impedindo a passagem de automóveis.

Várias questões podem ser levantadas a partir desta passagem. Será essa uma realidade comum na vida dos professores de Educação Física? Será que nossa formação é ingênua, descontextualizada e descompromissada? Será que a formação em Educação Física não é para atuar na escola?

E outra questão pertinente é saber por que não obtemos essas respostas na nossa graduação? A função da graduação deveria ser preparar o professor da melhor forma possível para lidar com as diferentes dificuldades que serão apresentadas na nossa carreira, mas, na maioria das vezes, não existe esse preparo. Os professores são obrigados a encarar a prática e tentar resolver suas dificuldades ali, depois de formados, onde não tem a quem pedir auxílio. Então, é nesse momento que percebemos que nossa formação é realmente ingênua, descontextualizada e descompromissada.

Suraya DARIDO (2003) faz uma pesquisa relacionada à formação dos professores de Educação Física, e afirma que um outro fator importante foi o surgimento de diversas instituições de Ensino Superior voltadas para a formação de professores de Educação Física. A maioria destas instituições são particulares e não têm uma grande qualidade de ensino. A autora diz que os indivíduos formados têm o seguinte perfil:

incapazes de explicar com clareza a que se propõe a disciplina de Educação Física; visão voltada mais para um esporte, em detrimento de outras práticas educativas; dificuldade de entender a importância de uma fundamentação teórica em relação à prática; supervalorização do sentido de competição das atividades com ênfase no resultado e na vitória; visão essencialmente individualista. (DARIDO, 2003, p.28)

E isso não é somente uma crítica aos profissionais já formados. Muitos dos estudantes de Educação Física que ainda irão se formar podem sair da universidade e trabalhar apenas o futebol e o vôlei. Acredito que essa questão da formação dos professores, suas metodologias de trabalho, e suas atuações profissionais, abrange muitos outros fatores que fogem um pouco do tema de trabalho e que deixo aqui como uma proposta para novas pesquisas, já que é um assunto de extrema relevância quando falamos da Educação Física na escola.

2.4. ALGUMAS OUTRAS DESCULPAS

Além dos fatores apresentados anteriormente, algumas outras questões não podem ser desconsideradas. Existem, por exemplo, dificuldades nas relações de gênero, que surgem quando nos perguntamos por que alguns meninos não aceitam de maneira alguma terem aula de dança? Será que, historicamente, os alunos crêem que dança é “coisa” de menina e que “coisa” de homem é jogar bola?

Ana Paula PINHEIRO (1998) afirma em sua pesquisa que existe esse preconceito dos meninos em realizar aulas de dança, e das meninas em realizar aulas de futebol. Mas no caso específico da pesquisa realizada pela autora, o professor da rede de ensino analisado conseguiu depois de um certo tempo a participação de todos os alunos na realização das aulas, de forma mista.

Mas será que este caso (onde o professor conseguiu essa adesão) é uma exceção? Ou os professores alcançam a participação e prática dos alunos nas aulas. Acho que essa questão não apresenta uma resposta concreta. As possibilidades de adesão, ou rejeição às danças dependem muito do contexto social, econômico e até religioso dos alunos.

E temos diversas manifestações que podem ainda acarretar essa rejeição às aulas se analisarmos o contexto social onde está inserido o colégio e os seus alunos. Temos diversos casos nos quais os alunos vão para a escola com o objetivo principal de comer a merenda. Alunos que não têm a preocupação com o estudo, a formação. É complicado fazermos um julgamento desses alunos sem perceber tudo o que envolve não só eles próprios, mas também a realidade de toda a comunidade que os cerca.

É também de conhecimento nosso que existem diversas instituições de ensino que não possuem espaços e/ou materiais adequados para que seja ministrada a aula de Educação Física. Às vezes o professor tem como recurso somente uma bola de futebol e a quadra na praça do bairro, e com isso ele deve realizar suas aulas. Apesar de haver a possibilidade de se trabalhar alguns jogos e brincadeiras, sabemos que não será sempre que o professor conseguirá realizar “boas” aulas. Essa falta de estrutura acaba atrapalhando o desempenho do educador, e com isso, os alunos acabam também não se mobilizando totalmente para a prática das aulas.

Existem ainda casos onde já existe uma cultura escolar esportiva fortemente arraigada. Existem colégios que sempre participam de jogos estudantis, e isso acaba criando uma “cultura” entre toda a comunidade escolar que eles devem praticar esportes sempre e assim participarem de campeonatos. Essa prática é muito comum em colégios particulares, onde os alunos-atletas, em alguns casos ganham dispensa das aulas de Educação Física, uma vez que eles já realizam uma prática esportiva.

Dentro das limitações deste trabalho, apresentei estes “outros possíveis fatores” entendendo que mais uma série destes poderiam ser elencados. Na realidade, estes fatores estão presentes na discussão dos dados da pesquisa empírica.

3. EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: o que nos dizem os "documentos oficiais"?

Neste momento do trabalho, faço uma análise de alguns “documentos oficiais” que orientam o ensino da Educação Física. Para isso, temos os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), datado de 1999, as Orientações Curriculares Estaduais (OCE), do Estado do Paraná, de 2005, as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (OCNEM), de 2005, e o planejamento do colégio onde foi realizada a pesquisa.

Farei a análise dos documentos citados acima, buscando verificar as semelhanças e diferenças que estes nos apresentam. Esta análise será estruturada da seguinte forma, para facilitar o estudo e compreensão de cada uma dessas publicações:

- ◆ Concepção de Ensino Médio
- ◆ Quem são os jovens?
- ◆ Caracterização da Educação Física
- ◆ Objetivos
- ◆ Conteúdos

3.1. CONCEPÇÃO DE ENSINO MÉDIO

Tendo em vista os documentos citados, tento perceber o que estes falam sobre o Ensino Médio, como é entendido e caracterizado nestas publicações. As OCE fazem uma breve abordagem histórica da Educação Física e nos afirmam que: “Definir a função social do Ensino Médio desde o início foi um problema para a sociedade brasileira. Historicamente a educação e o mercado de trabalho vêm estabelecendo uma relação tensa que perpassa todos os níveis e modalidades de ensino e de forma especial o Ensino Médio”. (PARANÁ, 2005, p.2). E prossegue dizendo:

No início dos anos 70 o Ensino Médio assumiu o caráter de finalização do processo de escolarização com base num pressuposto da formação técnica e profissionalizante compulsória. Nos anos 90 com a LDB 9.394/96 o Ensino Médio passou a ter o caráter

não profissionalizante, tendo como foco o mundo do trabalho, a ciência e a cultura.
(id)

Essa afirmação das OCE diz respeito ao caráter que o Ensino Médio deveria ter nos anos 90. Mas será que é assim na realidade? Como tratei anteriormente, o Ensino Médio é caracterizado como um ensino preparatório, seja para a entrada na universidade, seja para o campo de trabalho. Pode não ter um caráter técnico como tinha na década de 70, mas será que existe o foco no mundo da ciência e da cultura?

Os PCNEM nos trazem o seguinte:

A LDB nº9.394/96 aponta as finalidades específicas do Ensino Médio: a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental; o prosseguimento dos estudos; o preparo para o trabalho e a cidadania; o desenvolvimento de habilidades como continuar a aprender e capacidade de se adaptar com flexibilidade às novas condições de ocupação e aperfeiçoamento; o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; e a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria e prática. (BRASIL, 1999, p. 66)

E continua da seguinte forma: “A visão legal quando confrontada com a realidade do ensino de Educação Física, apresenta-nos um paradoxo; a nossa prática pedagógica em pouco tem contribuído para a compreensão dos fundamentos, para o desenvolvimento da habilidade de aprender ou sequer para a formação ética” (id). É importante percebermos que não apenas os críticos da área, mas também os próprios legisladores estão atentos para a incompatibilidade de idéias teóricas e realizações práticas.

E os PCNEM nos dizem ainda que existe uma incongruência se depararmos os objetivos do Ensino Médio com o que ocorre no cotidiano da Educação Física:

Enquanto as demais áreas de estudo dedicam-se a aprofundar os conhecimentos dos alunos, através de metodologias diversificadas, estudos do meio, exposição de vídeos, apreciação de obras de diversos autores, leituras de textos, solução de problemas, discussões de assuntos atuais e concretos, as aulas do “mais atraente” dos componentes limitam-se aos já conhecidos fundamentos do esporte e jogo. (BRASIL, 1999, p.66-67)

A partir da percepção deste problema, os PCNEM indicam um possível caminho pelo qual a Educação Física poderia seguir:

O aluno do Ensino Médio após, ao menos, onze anos de escolarização, deve possuir sólidos conhecimentos sobre aquela que denominamos cultura corporal. Não é permitida ao cidadão do novo milênio uma postura acrítica diante do mundo. A tomada de decisões para sua auto-formação passa, obrigatoriamente, pelo cabedal de conhecimentos adquiridos na escola. A Educação Física tem, nesse contexto, um papel fundamental e insubstituível. (ibid, p.73)

Portanto, não devemos transmitir apenas as habilidades esportivas aos alunos, mas todo um conhecimento e uma postura, como nos diz o documento, crítica diante do mundo.

Vale portanto, deixar uma afirmação das OCE finalizando nossa discussão sobre o Ensino Médio:

De maneira geral, a metodologia utilizada deverá cumprir com a proposta do Ensino Médio de uma formação crítica para os egressos neste nível de ensino e de uma prática educativa contra-hegemônica por parte dos professores que serão o ponto de partida para que os saberes considerados relevantes a esta formação atinjam os objetivos sociais necessários a um sujeito emancipado, autônomo, crítico e reflexivo. (PARANÁ, 2005, p.12)

Percebemos então, que uma palavra surge em ambos os documentos para qualificar os alunos: crítico. Podemos dizer que a função do Ensino Médio é não apenas formar sujeitos emancipados, autônomos e reflexivos, mas, além disso, cidadãos críticos. Mas será que conseguimos? Será que formamos sujeitos com estas características?

3.2. QUEM SÃO OS JOVENS?

Neste momento buscamos uma definição dos documentos para tentar entender quem são os jovens com os quais trabalhamos. Os PCNEM nos dizem que devemos atentar para nossa elaboração de programas e que “pensemos no jovem de hoje, atuante, crítico, conhecedor dos seus direitos, exposto a toda espécie de informações veiculadas pelos meios de comunicação. Aqui, apresenta-se o maior desafio do professor: elaborar um planejamento envolvente e coerente com os objetivos do seu trabalho” (BRASIL, 1999, p.69-70)

Já as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio nos dizem o seguinte: “O retrato socioeconômico da juventude brasileira exige que a Educação Média atenda a uma dupla necessidade: direito a uma formação humanística geral de qualidade e o acesso a conhecimentos humanísticos e específicos que viabilizem a continuidade dos estudos e o ingresso na vida produtiva” (BRASIL, 2005, p.9).

Percebemos, portanto, que os documentos nos passam a idéia de um jovem atuante e crítico que têm a necessidade de uma formação humana de qualidade e continuidade dos estudos.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Busco agora perceber o que os documentos nos passam sobre a Educação Física. Como ela está caracterizada atualmente ou, segundo os documentos, como deveria estar. As OCE fazem um pequeno apanhado sobre as tendências da Educação Física e que existe um dualismo na realidade entre as práticas corporais competitivas e nas propostas da cultura corporal de movimento:

Ao reunir estas considerações, percebe-se a influência de tendências da Educação Física, [...] ainda hoje, muito enraizadas em bases militaristas, competitivistas e tecnicistas. Percebeu-se o tênue limite, dentro das aulas de Educação Física, entre as práticas corporais competitivas e propostas visando a cultura corporal de movimento. (PARANÁ, 2005, p.1)

E segue demonstrando seu elo com as vertentes críticas da Educação Física quando nos diz:

É possível dizer que a Educação Física, enquanto disciplina que tem como objeto de estudo a cultura corporal de movimento, é fundamentalmente importante para o currículo do Ensino Médio por relacionar o movimento humano com a cultura por ele produzida historicamente e a que ainda está por produzir, uma vez que não se trata de algo pronto ou acabado, mas que está em evidente produção o tempo todo, fazendo-nos repensar nossas ações no interior das escolas em nossas práticas pedagógicas, e analisar se estamos atingindo o interesse de nossos alunos quanto à formação desejável para os alunos do Ensino Médio. (ibid, p.6)

Posteriormente, as OCE falam sobre as relações professor/aluno, e a preferência pela repetição em objeção à criação:

Devemos tomar cuidado para não perpetuarmos o tipo de educação tão criticada por Paulo Freire, onde as relações professor/aluno, deterioradas pelas relações de poder no interior das escolas, apenas serviam para domesticarmos os alunos e levá-los à repetição e não à criação, desconsiderando o que previamente os alunos já traziam em sua bagagem cultural. (ibid, p.10)

Neste momento, as OCE estão falando da repetição e criação de um modo mais amplo, que concentra todo o sistema educacional, mas não podemos descaracterizar a repetição de movimentos tão conhecida na Educação Física. Sobre as repetições dos movimentos esportivos, temos os PCNEM que nos dizem o seguinte.

Pensando na continuidade do que foi desenvolvido no Ensino Fundamental, podemos constatar uma forte inclinação ao trabalho com os esportes e, principalmente, a mesma metodologia de ensino – a execução de fundamentos, seguida de vivências de situações de jogo. Contudo, é possível constatar em algumas escolas um aprofundamento tático das modalidades, o que nos dá a impressão de que o sentido da Educação Física passa a ser o comportamento estratégico durante a prática desportiva. (BRASIL, 1999, p.65)

Essa idéia que traz os PCNEM vem ao encontro do que foi trabalhado no capítulo anterior, onde trato dos conteúdos da Educação Física e sobre a repetição dos movimentos pré-desportivos.

E como não são todos os alunos que conseguem desempenhar bem as funções técnico-táticas dos esportes, muitos acabam desestimulados com as aulas de Educação Física.

Os alunos as freqüentam, muitas vezes, de forma descompromissada com o que está sendo ensinado, pela constatação de que não obtêm a performance que desejam. Conseqüentemente, observa-se nessa fase uma visível evasão dos alunos das aulas, fator indesejável para todos os profissionais envolvidos, salientando o empobrecimento do trabalho do professor de Educação Física. (ibid, p.66)

E os PCNEM afirmam ainda que por causa dessa influência esportiva no interior das nossas escolas não temos o esporte da escola, e sim o esporte na escola, já que esse é praticado no interior da escola com os mesmos sentidos e significados dos buscados fora dela: “Princípios de rendimento atlético/desportivo, comparação de rendimento, competição, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc.” (ibid, p.67)

E os PCNEM seguem afirmando que “esse posicionamento, presente em grande parte das escolas brasileiras, é fruto da pedagogia tecnicista muito difundida

no Brasil na década de 70". (id). A passagem a seguir ilustra bem essa justificativa da presença de uma pedagogia tecnicista no âmbito escolar:

Os professores de Educação Física tiveram, na sua formação, experiências e uma bagagem de conhecimentos, alicerçadas, majoritariamente, nos conhecimentos de ordem técnica (disciplinas esportivas). Esse fato se deu, entre muitas outras causas, pela confusão do ambiente esportivo-competitivo com o escolar-educacional fruto de um contexto histórico que quis elevar o País à categoria de nação desenvolvida às custas de seus sucessos no campo dos esportes. Portanto, como é de se esperar, o que predomina no Ensino Médio é a idéia de que a aula de Educação Física é um espaço para treinamento e aperfeiçoamento das habilidades desportivas. (ibid, p.73-74)

Complementando o que nos passam os PCNEM, as OCE vêm afirmar o seguinte:

O fortalecimento desta prática competitivista que ocorreu durante o auge do regime militar, faz das aulas momentos para selecionar novos talentos, objetivando a participação do Brasil em eventos esportivos internacionais, incentivando a capacitação de técnicos e professores de Educação Física no exterior. Entendia-se que era importante qualificar o esporte de alto nível. Neste período, e infelizmente até os dias atuais, as aulas serviam apenas para ensinar movimentos e princípios técnicos de todos os esportes, sem que fosse dado um tratamento histórico e pedagógico significativo ao assunto. A escola tornou-se então, o local de oferecer para a população o esporte de base, como também uma maneira de *domesticar a juventude*. Em resumo, a Educação Física de então reduzia-se à mecanização dos movimentos e ao reducionismo da competição. Esta proposta está ultrapassada e em descompasso com os interesse de uma Educação Física voltada para o processo de humanização das relações humanas em todos os seus aspectos. (PARANÁ, 2005, p.4, grifos do autor)

Essas afirmações dos documentos vêm confirmar aquilo que tratei no capítulo anterior, onde falo da formação dos professores de Educação Física. Demais autores da área consideram que o auge da pedagogia tecnicista na formação de professores ocorreu por volta da década de 70, com o objetivo de revelar talentos e conseqüentemente tornar o Brasil uma potencia olímpica.

Vale comentar que as OCE dizem ainda que estas idéias estão ultrapassadas, mas infelizmente esta prática se estende até os dias atuais.

E falando ainda dos professores, os PCNEM afirmam:

O professor de Educação Física deve buscar, a todo custo, uma integração com o trabalho desenvolvido na escola, colocando o seu componente curricular no mesmo patamar de seriedade e compromisso com a formação do educando. Essas palavras podem soar estranhas a muitos educadores. No entanto, sabe-se que, em diversas escolas, a disciplina encontra-se desprestigiada e relevada a segundo plano. Tal fato é de fácil verificação. Basta notar que nem sempre somos chamados a opinar sobre

alterações nos assuntos escolares, conselhos de classe, conselhos da escola, etc. Portanto, mostrar-se presente e envolvido com a proposta da unidade e apresentar os resultados do trabalho é um dado importantíssimo na recuperação do prestígio da disciplina. (BRASIL, 1999 p.72)

Ao fazer esta afirmação, o documento nos mostra o que os demais professores e membros do colégio consideram, ou melhor, desconsideram sobre a Educação Física. O simples fato de não sermos chamados, ou não nos propormos a participar de conselhos de classe, de escola, mostra que não somos valorizados, que nossa opinião e nossas idéias não importam. Com isso, parafraseando os PCNEM, afirmo que os professores de Educação Física devem buscar uma integração com o trabalho desenvolvido na escola.

Por fim, apresento uma crítica das OCE em relação aos PCNEM, onde diz que este não trouxe mudanças para a Educação Física:

Nos anos 90, foi promulgada a LDB 9.394/96 e propostos os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM). No entanto, este documento não garantiu o rompimento com a tradição autoritária dentro das escolas e na prática da Educação Física. Os resquícios do esporte de competição mantiveram-se no ensino público, generalizando as aulas em esporte lazer – um arremedo do esporte competitivo. Assim, o que permaneceu nesta prática da Educação Física foi o trabalho com uma pequena elite de alunos, excluindo a maioria que não se enquadrava nos padrões atléticos necessários para a representação em equipes seletivas. Muitos profissionais trabalhavam com esta proposta (tecnicista/competitivista) por desconhecimento de outras, presos à sua formação acadêmica. (PARANÁ, 2005, p.7)

Ao analisarmos a crítica de que os PCNEM não conseguiram realizar uma mudança na prática da Educação Física escolar, percebemos que isso não se deve apenas aos PCNEM. Acredito que é algo muito mais amplo e não apenas com o surgimento de um “documento oficial” existe a possibilidade de mudanças. Ou será que podemos afirmar que daqui alguns anos a Educação Física no Paraná será diferente pelo simples fato do surgimento das OCE? Portanto, os PCNEM não conseguiram mudanças para as aulas de Educação Física, mas não é “culpa” deste documento o fato de a Educação Física permanecer com a configuração em que se encontra.

3.4. OBJETIVOS

Neste tópico procuro buscar quais são os objetivos da Educação Física que aparecem nestes documentos. Em forma de tópicos, os PCNEM nos apresentam quais seriam os objetivos da Educação Física. “Espera-se que, no decorrer do Ensino Médio, em Educação Física, as seguintes competências sejam desenvolvidas pelos alunos:”

- Compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recurso para melhoria de suas aptidões físicas.
- Desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas práticas corporais.
- Refletir sobre as informações específicas da cultura corporal, sendo capaz de discerni-las e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde.
- Assumir uma postura ativa, na prática das atividades físicas, e consciente da importância delas na vida do cidadão. (BRASIL, 1999, p.83)

Fica clara a visão de aptidão física e saúde que existe nas idéias dos PCNEM. Compreender o funcionamento do organismo, desenvolver noções de esforço, intensidade e frequência são claras idéias voltadas para a saúde.

Até mesmo quando fala de cultura corporal nos diz que devem os alunos refletir sobre estas informações para discerni-las e reinterpretá-las em bases científicas. E prossegue dizendo que após reinterpretar em bases científicas, os alunos devem adotar uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde. Mais uma vez, a presença da saúde como o objetivo final da Educação Física.

As OCE, também em forma de tópicos, apresentam os seguintes objetivos, justificando a importância da Educação Física escolar. Seguem abaixo, alguns destes objetivos:

- Que os conhecimentos elencados nos currículos da disciplina sejam relevantes para a vida do aluno.
- Que a Educação Física tenha um significado para o aluno e que dessa forma ele possa utilizar-se desses conhecimentos em sua vida para a transformação da sociedade.

- Que a Educação Física, enquanto componente curricular, se justifique por sua prática pedagógica a partir do estudo do corpo e suas relações nas dimensões histórica, política, econômica, filosófica e social.
- Que a disciplina deva desenvolver um cidadão crítico, sujeito a ações e movimentos, consciente de que seu corpo age, brinca, aperfeiçoa, dança, segue modelos, adoece, socializa-se, etc.
- Justifica-se por trabalhar com a cultura geral, cultura corporal, consciência corporal e práticas corporais.
- Pela relação do esporte como fenômeno social, lazer e cultura de interrelacionamento.
- Por promover um desenvolvimento integral do sujeito abrangendo simultaneamente os aspectos afetivo, cognitivo, motor e social, considerando o contexto no qual ele está inserido. (PARANÁ, 2005, p.8-9)

Enquanto os PCNEM citaram na maioria das vezes questões voltadas para a saúde, as OCE deixam claro seus objetivos voltados a formação social dos alunos. Ficam caracterizadas estas idéias quando vemos afirmações do tipo “conhecimentos relevantes para a vida do aluno”; “utilizar-se desses conhecimentos em sua vida para a transformação da sociedade”; que a disciplina deva “desenvolver um cidadão crítico” e outros. Portanto, quando falamos de objetivos percebemos que os dois documentos têm opiniões distintas. Mas e na prática? Será que estes objetivos estão sendo alcançados? Será que as metas dos PCNEM obtêm resultados na prática? E as metas das OCE?

Em se tratando do planejamento do colégio⁴, temos o seguinte:

- Valorizar os efeitos que as práticas corporais e hábitos saudáveis exercem sobre a aptidão física.
- Favorecer a superação de limites pessoais.
- Vivenciar e aplicar os conceitos técnicos e táticos adquiridos em jogos esportivos, recreação e ginásticas.
- Valorizar e respeitar as sensações e emoções pessoais, aos dos colegas e professores.
- Respeitar o limite pessoal, atividade física e moral sua e de seus companheiros.

⁴ Segue em anexo, quadro demonstrativo sobre o planejamento do colégio.

Fica claro que o planejamento do colégio está voltado ainda para as práticas esportivas, quando vemos seus objetivos e percebemos sentenças como “favorecer a superação de limites pessoais”, “vivenciar e aplicar os conceitos técnicos e táticos adquiridos em jogos esportivos”, “respeitar o limite pessoal” e outras. Ficará perceptível também esta linha esportiva quando observarmos, a seguir, os conteúdos propostos por esta instituição.

3.5 CONTEÚDOS

Busco, finalmente, compreender o que nos passam os documentos com relação a conteúdos a serem trabalhados, ou ainda concepções de ensino sugeridas. Ainda que indiretamente, em se tratando de conteúdos e planejamento por parte dos professores, os PCNEM dizem o seguinte:

A vida escolar foi bastante modificada pela nova lei, dando abertura à iniciativa das escolas e à equipe pedagógica. O professor de Educação Física, nesse momento, passa a ser mais exigido quanto à sua qualificação e ao uso de seu conhecimento, principalmente, no que corresponde ao planejamento de atividades que venham ao encontro dos interesses e necessidades dos alunos. (BRASIL, 1999, p.70)

E prosseguem dizendo: “portanto, todo e qualquer projeto de estímulo à atividade física deve ser proposto pelo professor, submetido à aprovação pela equipe pedagógica e incluído na proposta da escola” (id).

Os PCNEM citam a LDB, a qual diz que “os conteúdos curriculares da Educação Básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes: promoção do desporto educacional a apoio às práticas desportivas não formais” (ibid, p.72). Comentando este artigo da LDB, os PCNEM afirmam:

Notamos que o legislador procurou desvincular o espaço escolar daquele antigo campo de descoberta de talentos esportivos. O esporte, de preferência não-formal e de cunho educativo, deve encontrar-se presente na escola. O que significa que os momentos dessa prática devem atender a todos os alunos, respeitando suas diferenças e estimulando-os ao maior conhecimento de si e de suas potencialidades. (ibid, p.72-73)

Ao falar sobre os conteúdos, os PCNEM primeiramente mostram as idéias de aptidão física e saúde: “Atravessando um período de discussões parecido com o nosso, os educadores de diversas origens encontraram no trabalho com a aptidão

física e saúde uma alternativa viável e educacional para suas aulas” (ibid, p. 68). E justifica da seguinte forma: “A incidência cada vez maior de adolescentes e jovens obesos, com dificuldades oriundas da falta de movimento, com possibilidades de acidentes cardiovasculares e com oportunidades reduzidas de movimento, leva-nos a pensar na retomada da vertente voltada à aptidão física e saúde”. (ibid, p.69)

Percebemos facilmente essa inclinação para a vertente da saúde quando os PCNEM afirmam:

Como o aluno do Ensino Médio encontra-se exposto a algumas dessas circunstâncias, a inclusão de programas escolares que valorizem o aprendizado e a prática de exercícios de elevação e manutenção da frequência cardíaca em limites submáximos, alongamento e flexibilidade, relaxamento e compensação com o objetivo profilático desencadearão, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida. (ibid, p.71)

Em contraposição às idéias de saúde mostradas pelos PCNEM, as OCE nos trazem a cultura corporal de movimento e como esta deve ser trabalhada em nossas aulas:

A cultura corporal de movimento [...] exteriorizadas pela expressão corporal através dos jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, mímica e outros [...] podem ser trabalhadas em nossas aulas de várias maneiras, tornando os conteúdos contemplados nos currículos mais interessantes e significativos a partir do método utilizado durante as abordagens. Nesse sentido é possível utilizar-se de recursos dos mais variados, muitas vezes com a ajuda construtiva dos próprios alunos (não que isso deva ser feito via de regra), mas com a intenção de integração e aproximação entre eles próprios e a realidade em que as aulas acontecem. (PARANÁ, 2005; p.9)

Além de já dar uma idéia sobre os conteúdos a serem trabalhados (jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, mímica e outros), as OCE nos indicam a utilização de recursos dos mais variados, além da participação dos alunos na construção das aulas.

E os PCNEM falam também sobre alguns signos e códigos que os corpos expressam. E baseado neste fato, alguns conteúdos são culturalmente mais aceitos que outros.

Isso explica, de certa forma, a localização social de determinadas práticas corporais – jogos, danças, esportes. Nossos alunos vibram ao jogar futebol, comunicam-se através dos movimentos: “você não entendeu aquela jogada?” A aceitação do vôlei de duplas cresceu bastante nos últimos anos: a capoeira ganha cada vez mais

espaço: e o futsal já faz parte do cotidiano escolar. Não temos, no entanto, o mesmo retorno ao desenvolver temas que se distanciam das práticas culturais do nosso povo: que dizer de uma aula de “cárdio-funk”, beisebol ou badminton?” (BRASIL, 1999, p.78)

Portanto, para os PCNEM “o que se deseja do aluno do Ensino Médio é uma ampla compreensão e atuação das manifestações da cultura corporal” (id).

E os PCNEM nos propõem também que seja realizada uma interdisciplinaridade através dos conteúdos que podem ser trabalhados dentro das aulas de Educação Física.

Projetos como a elaboração de jogos, resgate de brincadeiras populares, narração de fatos e elaboração de coreografias podem estar perfeitamente articulados com português, história, geografia, sociologia etc. Esclarece-se que a via de integração não é única, e sim de duas mãos, o que significa que as demais áreas devem utilizar-se do movimento, buscando também integrar-se de forma eficiente com a Educação Física. (ibid, p.78-79)

Outro ponto importante que é lembrado pelas OCE é o fato dos conteúdos escolhidos para serem trabalhados nas aulas devem possuir alguma importância cultural e histórica para os alunos:

As considerações que devem ser feitas acerca de um tema escolhido para uma aula de Educação Física, devem, inicialmente, apontar para uma lista de conteúdos previamente selecionados coerentemente e que promova uma leitura da realidade daquilo que se produziu cultural e historicamente. Para tanto, é necessário que esteja claro analisar a origem do conteúdo bem como sua importância em constar em um currículo escolar, levando-se em conta as circunstâncias onde será aplicado, devendo ser significativo para os alunos. (PARANÁ, 2005, p.10)

Os PCNEM passam ainda que o professor deve planejar seu ensino de forma contínua, de complexidade gradativa, o que gera uma organização mental por parte dos alunos. E nos passa um exemplo de como isso pode ocorrer:

Desenvolvendo atividades de luta, o professor poderá propor aos alunos que tentem levar seus oponentes para fora de um espaço previamente delimitado. A repetição dessa atividade com companheiros mais altos, mais leves, mais fortes levará ao desenvolvimento de pequenas estratégias de ataque e defesa. Cabe ao professor socializar as conquistas individuais. Um exemplo: ao descobrir que empurrar é uma forma pouco eficaz de vencer um oponente mais forte, o educando poderá chegar à conclusão de que não adianta fazer força. (PCNEM, 1999, p.79)

E citam ainda, que a falta de recursos e materiais pode influenciar no trabalho do professor:

Não podemos alcançar aperfeiçoamento do arremesso à cesta se não dispomos de bolas em quantidade para que os alunos, durante as aulas, repitam o movimento um considerável número de vezes. Com frequência, constata-se na falta de materiais o fator causador para o empobrecimento do programa de Educação Física. (ibid, p.81-82)

Apesar de concordar que a falta de materiais pode contribuir para o empobrecimento do programa de Educação Física, não acredito que seja por prejudicar o aperfeiçoamento do arremesso à cesta, já que este não pode ser a preocupação maior da Educação Física. Devemos justificar as dificuldades relacionadas à falta de materiais por não estarmos, muitas vezes, oportunizando todos os alunos à prática do arremesso à cesta. Isto sim é uma dificuldade que encontramos decorrente da falta de materiais, mas o não aperfeiçoamento desta técnica não é responsabilidade da Educação Física.

Agora, apresento os conteúdos propostos a serem trabalhados pelos PCNEM.

- As ginásticas são técnicas de trabalho corporal que, de modo geral, assumem um caráter individualizado com finalidades diversas. Por exemplo, pode ser feita como preparação para outras modalidades, como relaxamento e alongamento, para recuperação ou manutenção da saúde ou ainda de forma recreativa, competitiva e de convívio social;
- Considera-se esporte as práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a atuação amadora e profissional. Envolve condições especiais de equipamentos sofisticados como campos, piscinas, bicicletas etc.;
- Os jogos podem ter uma flexibilidade maior nas regulamentações, que são adaptadas em função das condições de espaço e material disponíveis, do número de participantes, entre outros. São exercidos com um caráter competitivo, cooperativo ou recreativo em situações festivas, comemorativas, de confraternização ou ainda de cotidiano, como simples passatempo ou diversão. Assim, podemos destacar entre os jogos alguns que podem vir a ser utilizados como atividades do Ensino Médio na Educação Física escolar, alguns jogos regionais, os jogos pré-desportivos, algumas brincadeiras infantis e etc;
- As lutas são disputas em que os oponentes devem ser subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa.
- As manifestações da cultura corporal que têm como características a intenção de expressão e comunicação por meio dos gestos e a presença de estímulos sonoros como referência para o movimento corporal. Trata-se principalmente, das atividades ritmadas, como dança ou jogos musicais. (BRASIL, 1999; p, 84-85)

A seguir, também em forma de tópicos, apresento as sugestões das OCE. Vale lembrar que as propostas que formaram este documento foram feitas em encontros entre professores da rede estadual de ensino do Estado do Paraná e, portanto, podemos considerar estes conteúdos abaixo como os que provavelmente sejam integrantes do dia a dia da prática docente dos professores paranaenses, apesar da diferença em relação ao planejamento do colégio:

- O **esporte** individual e coletivo como desenvolvimento prático e como fenômeno social, a sociedade atual, através de suas várias manifestações sociais culturais de informação de massa, requer a participação das pessoas em atividades coletivas organizadas. O aluno, como parte integrante do sistema do Ensino Médio deve ser contemplado com esses conhecimentos que permitem sua inclusão, promovendo a humanização das relações sociais. No que o esporte em suas várias manifestações e abordagens pode contribuir para o aprimoramento desta integração;
- **Jogos e lazer:** amplitude de ações que permeiam o raciocínio lógico, socialização, expressão corporal, dramatização, espírito de equipe, como resgate e potencialização de valores e como possibilidade de lazer;
- **Manifestações ginásticas:** a ginástica como fator histórico e social.
- **Conhecimentos elementares do corpo humano:** orientações para a atividade física regular e de qualidade, obesidade e suas conseqüências, saúde como fator social, alimentação saudável e efeitos sobre o organismo, drogas e suas conseqüências no corpo humano.
- **Atividades expressivas:** utilizando-se de teatro, folclore, mímica, da dança seus conhecimentos e possibilidades, resgatando valores sociais e culturais através de suas manifestações sociais.
- **As lutas:** como representação das desigualdades classes, seus simbolismos e significados e sua história a exemplo da capoeira, como referencial de uma manifestação que surgiu no bojo das manadas menos favorecidas da população como movimento libertário, como esporte tipicamente brasileiro. (PARANÁ, 2005, p.13. Grifos no original)

Temos então que os conteúdos propostos pelos documentos são basicamente os mesmo que vimos no capítulo anterior, quando problematizamos esta questão dos conteúdos da Educação Física. O esporte, os jogos e brincadeiras, as lutas e as atividades rítmicas são os norteadores propostos tanto pelos autores da área como pelos documentos oficiais.

Falando especificamente sobre os conteúdos que são propostos, ao observarmos o planejamento do colégio notamos uma incongruência com as propostas dos demais “documentos oficiais”. Quando vemos os conteúdos propostos

pela instituição, encontramos os seguintes: Voleibol, Handebol, Basquete, Futsal, Futebol, Atletismo, Tênis de Mesa e Xadrez. Ou seja, os esportes mais comuns acrescidos de atletismo, tênis de mesa e do xadrez. Muito provavelmente, estes dois últimos estão presentes para serem uma opção em dias de chuva.

Ao longo deste capítulo percebemos muitas diferenças de concepções entre os documentos analisados. Ambos têm vertentes bem diferentes, posições contrárias em alguns momentos, o que percebemos pela incidência das palavras aptidão física e saúde em um e cultura corporal de movimento em outro, mas se repetem quando propõem os conteúdos para as aulas de Educação Física. Fica claro que há um certo consenso entre os pesquisadores da área da Educação Física escolar sobre quais são os conteúdos desta disciplina. Por mais que estes tenham visões contrárias, opiniões diferentes, objetivos distintos, os esportes, os jogos e brincadeiras, as lutas, as atividades rítmicas aparecem na maioria das propostas.

Mas o que os alunos pensam a respeito desta seleção de conteúdos? É o que veremos adiante.

4. O QUE NOS DIZEM OS ALUNOS?

Irei apresentar neste capítulo alguns dos principais dados obtidos na coleta dos resultados dos questionários entregues aos alunos. Essa apresentação não se dará por valores, e sim por conceitos.

Para facilitar a compreensão das idéias postuladas pelos alunos, resolvi dividir essa apresentação em cinco blocos de perguntas, buscando reunir questões que tentam uma aproximação da problematização levantada. Os blocos são os seguintes:

Bloco 1: Visão dos alunos com relação às aulas.

Bloco 2: Aulas no passado.

Bloco 3: Opções de conteúdos na visão dos alunos.

Bloco 4: Questões gerais.

Bloco 5: Importância das aulas de Educação Física.

4.1. BLOCO 1: VISÃO DOS ALUNOS COM RELAÇÃO ÀS AULAS.

No bloco 1, as seguintes questões estão englobadas:

1. O que é trabalhado nas aulas de Educação Física?
2. O que você mais gosta nas aulas de Educação Física?
3. O que você menos gosta nas aulas de Educação Física?

Meu objetivo com essas questões é saber se há um consenso por parte dos alunos ao comentarem o que o professor propõe a eles como conteúdos nas aulas de Educação Física e o que cada aluno individualmente mais gosta e menos gosta nas aulas.

Os alunos Otávio⁵ do 1º ano, Robson do 1º ano e Roberta do 3º ano deixaram em branco suas respostas. Conseguimos perceber que a maior parte dos alunos tiveram uma certa uniformidade nas respostas, quando questionados sobre o que é trabalhado nas aulas. A maioria das respostas está desta forma apresentadas: “Futebol, basquete, handebol, vôlei” (Silvia, 2º ano); “os esportes mais populares no Brasil” (Jonathan, 2º ano); “Aulas práticas como vôlei, futebol, handebol, basquete. E nos dias de chuva xadrez ou damas” (Ana, 1º ano); “vôlei, basquete, futebol, handebol, alongamento e aquecimento” (Fernanda, 2º ano).

De um modo geral, temos então entendido que os alunos têm aulas dos quatro esportes: futebol, vôlei, basquete e handebol. É perceptível também que há a existência de um alongamento/aquecimento no início das aulas. E que nos dias de chuva, as aulas são nas salas de aula e têm jogos de xadrez e damas. Aqui, percebemos que o problema colocado na introdução desse trabalho existe, no sentido de que os quatro esportes são os mais trabalhados.

Temos ainda algumas respostas que são interessantes: Alguns poucos alunos citaram a existência de aulas teóricas. “Prática de futebol, handebol, vôlei, futsal, basquete, xadrez e matéria teórica” (Paula, 2º ano). Como foram poucas as lembranças das aulas teóricas, deduzimos que não deve haver muita importância por parte de professores e alunos com relação a essas aulas, apesar de que, boa parte dos alunos acha importante a existência de aulas teóricas, como veremos no bloco 4.

A aluna Mariana, do 1º ano nos fala: “é trabalhado as regras de futebol, basquete, vôlei e handebol”. Ora, o que são essas regras? O simples fato de os alunos estarem praticando determinado esporte nos dá a condição de afirmar que as regras dos esportes estão sendo aprendidas? Na verdade, as regras dos esportes tradicionais muitas vezes são flexíveis, já que os próprios alunos montam suas regras. Digo isso, pois sabemos da existência de diversos professores que apenas soltam a bola para os alunos e deixa que os mesmos se organizem para a

⁵ É importante frisar que os nomes que serão aqui divulgados são fictícios. Inclusive, no questionário que os alunos responderam, não havia a pergunta de nome. No dia da entrega dos questionários foi solicitado que os alunos colocassem apenas a série em que estão como identificação.

realização da prática. Ou mesmo o fato de o professor trabalhar de uma maneira adaptada estas regras, de forma que os alunos não praticam o esporte da forma como ele é disputado em alto nível. Nesse momento, muitas vezes acontece de haver algum tipo de modificação em algumas regras, e assim, temos uma descaracterização das regras, o que acaba tornando, em certo ponto, desnecessário o aprendizado das regras para a prática da Educação Física na escola.

Outra questão comentada por alguns alunos fala do lado físico. Para alguns, o que é trabalhado nas aulas de Educação Física é “a condição física do aluno” (Roberson, 1º ano); “esforço físico” (Igor, 1º ano); “a prática de esportes, o preparo físico” (Lindamir, 1º ano); “o desempenho físico e as habilidades esportivas” (Edgar, 2º ano); “é trabalhado várias modalidades esportivas, para melhor desenvolvimento físico” (Maurício, 2º ano).

E a outra aluna a comentar isso foi Alessandra, também do 1º ano, que diz que o que é trabalhado é “a condição física, a união se quiser vencer, e a força de vontade de ganhar”. Além do conceito de condição física, podemos notar a idéia de competitividade que essa aluna possui. Nenhum outro aluno respondeu que o que é trabalhado na Educação Física é relacionado à vontade de ganhar e/ou vencer.

E tivemos ainda, alguns alunos que citaram o corpo em suas respostas. Milene, do 3º ano escreve o seguinte: “o desenvolvimento do corpo”. É provável que essa aluna esteja dizendo que na visão dela, o que é trabalhado é o desenvolvimento do corpo numa visão biologicista, numa ligação clara com as idéias apresentadas acima, onde os alunos falam de desenvolvimento físico.

Já Rita, aluna do 1º ano diz o seguinte: “esporte, reflexão com o corpo”. Podemos até contestar se é possível fazer uma “reflexão com o corpo” através do esporte, mas sou obrigado a confessar que não esperava ver uma resposta de uma aluna do primeiro ano do Ensino Médio, quando questionada sobre o que é trabalhado nas suas aulas de Educação Física, responder que há uma reflexão com o corpo.

Já Jefferson, do 1º ano nos afirma: “é o trabalho do corpo em movimentos diferentes”. Patrícia, do 2º ano, diz: “o movimento do corpo, divisão em grupos”. Sim, sabemos que é trabalhado o movimento do corpo nas aulas de Educação Física. Fiquei surpreso ao ver apenas dois alunos citarem a palavra movimento em suas

respostas. Independente do conteúdo nas aulas de Educação Física é trabalhado o movimento do corpo.

Por fim, a última citação que gostaria de comentar nessa pergunta, é a última resposta por mim citada, onde a aluna Patrícia nos diz que é trabalhado além do movimento do corpo, divisão em grupos. Ora, de que divisão em grupos nos fala a aluna? Será que ela quer dizer que separar os alunos em equipes, e conseqüentemente em grupos é o que é trabalhado nas aulas de Educação Física? No meu entendimento, significa que para ela, a Educação Física é propícia para a formação de grupos, onde alguns alunos se relacionam e têm maior afinidade com outros. Essas relações se dão entre alunos que se assemelham com outros: os que possuem maior interesse e melhor rendimento esportivo nas aulas, se relacionam entre si. Por outro lado, os que não têm muito interesse, ou não jogam tão bem, se relacionam entre eles.

Ao analisar a questão seguinte: o que os alunos mais gostam nas aulas de Educação Física percebe-se que há uma maior variedade nas respostas.

Uma grande parte dos alunos podem ser representados pelo que diz a aluna Rosângela, do 3º ano, que é bem direta quando questionada o que mais gosta: "Esportes". Assim como Guilherme, do 1º ano: "de praticar os esportes".

Alguns alunos preferiram se posicionar em direção a algum esporte específico. Todos os quatro esportes foram citados individualmente: "vôlei" (Carla, 3º ano), "Jogar basquete" (Rosane, 3º ano), "o futebol" (Cristina, 3º ano) e "handebol" (Ana, 1º ano).

Também houve casos onde mais de um esporte foi escolhido, como para Franciele, do 2º ano: "vôlei e basquete". Ao analisarmos as preferências tanto quando um esporte foi citado individualmente, ou junto com outros, temos que o futebol e o vôlei são os preferidos dos alunos. Foram os mais citados, e independente de sexo. O handebol foi o "menos votado", digamos assim, entre os alunos.

Segue abaixo, quadro demonstrativo, onde podemos perceber quais são as preferências dos alunos. Vale ressaltar que alguns alunos citaram mais de uma vez um determinado conteúdo, e nestes casos coloquei um voto para cada escolha dos alunos.

QUADRO 1 – O QUE OS ALUNOS MAIS GOSTAM

Atividade que mais gostam	Número de “votos”
Futebol	13
Vôlei	12
Basquete	11
Handebol	4
Xadrez	2
Praticar esportes	7
Jogar	6
Tudo	2
Nada	3
Outros ⁶	5

Não há como negar que atualmente, o futebol e o vôlei são os esportes prediletos dos alunos. O futebol sempre foi o esporte mais popular do país, e o vôlei, atualmente, possui milhões de adeptos no Brasil. Possuímos as melhores seleções do mundo nos dois esportes! Este fato, aliada à influência que a mídia proporciona, transforma esses dois esportes como os preferidos do brasileiro. O basquete, que já teve momentos brilhantes, apesar de estar vivendo uma situação conturbada em seu cenário, inclusive sendo relegado à segundo plano pela mídia, continua bastante popular entre os alunos. O handebol sempre foi o menos popular dos quatro esportes, e assim continua sendo, nessa realidade específica da minha pesquisa.

Alguns alunos deixaram sua preferência pelos esportes de uma outra forma. Como nos passa Patrícia, do 2º ano, que diz que o que mais gosta é: “jogar bola”.

⁶ Neste caso, ou outros são: Futsal, Damas, Jogos coletivos, Atividades novas, e um aluno que não respondeu a pergunta

Todos nós sabemos que os alunos consideram o jogar como uma atividade de prática esportiva.

Houve uma única aluna, Mariana do 1º ano, que afirmou gostar de: “quando a gente joga xadrez”. Pode-se dizer que é inesperada essa resposta da aluna, tendo em vista que a grande maioria dos alunos não gosta de ficar na sala de aula e sem realizar alguma atividade física nas suas aulas de Educação Física.

Tivemos ainda algumas respostas que deixam claro que há alunos que gostam mais das aulas de Educação Física que outros. Vemos isso ao perceber como é objetiva Joana: “tudo”. Sabrina, do 3º ano segue o mesmo caminho, mas busca uma justificativa: “Tudo, porque eu acho que exercícios físicos fazem bem para a nossa saúde”.

Mas apesar de muito popular, a Educação Física não é unânime entre os alunos. Apesar de termos poucos alunos a contestarem, eles existem. Tivemos apenas quatro. Vamos a eles: Cindy, do 3º ano afirma que o que mais gosta é: “Nada. Sou muito preguiçosa para praticar esportes.” Yara, do 3º ano, fala: “não gosto das aulas de Educação Física”. Bianca, do 2º ano é um pouco submissa ao dizer: “na verdade eu não gosto de Educação Física, mas já que tem que escolher gosto do vôlei”. E por fim, temos a Jackeline, também do 2º ano que é bem direta ao afirmar: “Não gosto muito de fazer aulas de Educação Física”.

O fato mais interessante de se observar é que todos os quatro alunos que disseram, com todas as letras não gostar das aulas de Educação Física são meninas! A grande questão é essa. Por que os meninos, por mais que tenham dificuldades ou não gostem de uma coisa ou outra nas aulas, gostam das aulas de Educação Física? Do mesmo modo que temos alunas que não têm predisposição para a prática desportiva (já que é isso que é considerado Educação Física no colégio pesquisado), temos também meninos que possuem essas dificuldades. Mas, de qualquer forma, os meninos sempre gostam de algum esporte ou de alguma atividade física, o que não acontece com todas as meninas.

Então, temos o seguinte quadro: A Educação Física é muito querida pelos seus alunos, já que é pequeno o seu índice de rejeição. O que os alunos gostam? Ah, isso todos nós sabemos: São os esportes. Só que aí está a questão chave que eu gostaria de saber: Por que?

Por que os alunos preferem e em sua esmagadora maioria o citam como sua preferência nas aulas a prática de esportes? Acredito que há uma série de fatores que desencadeiam essa relação: o fato de que os alunos praticamente só têm isso nas suas aulas, tanto no Ensino Médio, como no Ensino Fundamental, como veremos mais adiante; o fato de que é mais cômodo e divertido para os alunos apenas “jogarem bola” a fazer alguma atividade reflexiva.

Mas então, vamos deixar uma citação, do aluno Edgar, do 2º ano, que bem expressa o que ele, e o que os demais alunos gostam nas aulas de Educação Física: “o que todo mundo gosta, jogar!”

Assim como perguntado o que eles mais gostam, alguns alunos citaram alguns esportes individualmente como o que menos gostam. Temos por exemplo, “futebol” (Rafaela, 3º ano). “handebol” (Patrícia, 2º ano). “basquete” (Silvia, 2º ano). “jogar vôlei” (Roberson, 2º ano).

Segue abaixo, quadro demonstrativo sobre o que os alunos menos gostam nas aulas de Educação Física. Vale lembrar que assim como o quadro anterior, neste caso também ocorreu de os alunos escolheram mais de um conteúdo e com isso acrescentei todas as escolhas dos alunos.

QUADRO 2 – O QUE OS ALUNOS MENOS GOSTAM

Atividade que menos gostam	Número de “votos”
Correr	14
Alongar	9
Xadrez	8
Aula teórica	5
Vôlei	5
Futebol	5
Handebol	4
Nada	3
Basquete	2
Ficar na sala	2
Outros ⁷	8

Diferentemente das respostas sobre o que os alunos mais gostam, aqui houve um equilíbrio maior nas respostas. Dos quatro esportes mais tradicionais, o Basquete foi o mais votado, mas os outros três foram lembrados de uma forma muito parecida.

Mas o que é mais interessante é percebermos que o que os alunos menos gostam são as aulas onde não há uma realização intensa de exercícios físicos. Uma boa parte dos alunos afirmam, sem dúvidas, que o que menos gosta são, como diz Isabel, do 3º ano: “as aulas de xadrez”. Seguindo a mesma linha de pensamento, onde apenas um aluno citou gostar das aulas de xadrez, percebemos o quanto é um incomodo para nossos alunos terem que ficar na sala de aula durante as aulas de

⁷ Neste caso, os outros citados foram: Damas, Futsal, Quando chove, Falta de vontade dos alunos, cansaço decorrente da atividade física, ser obrigada a jogar, ficar correndo de um lado para o outro, e um aluno que não respondeu a questão. Todos estes votos ocorreram uma única vez.

Educação Física jogando xadrez. Uma única aluna citou também o jogo de damas. Ana, do 1º ano, nos diz o seguinte: “vôlei, xadrez, damas e aulas teóricas”.

E como a aluna acima citada já nos adianta, outra coisa que mais incomoda os alunos é terem aulas teóricas. Como diz a aluna Jéssica, do 2º ano, o que ela menos gosta é de “ficar na sala de aula, teoria”.

Essa questão das aulas teóricas é muito complicada de tentarmos uma análise. Lembramo-nos que tivemos poucos alunos que responderam ter aulas teóricas quando questionados o que era trabalhado nas aulas de Educação Física. Mas nenhum dos alunos que citou a aula teórica como o que menos gosta na Educação Física, citou-a como o que é trabalhado nas aulas de Educação Física. Então será que os alunos que as citaram como existentes nas aulas de Educação Física gostam das aulas teóricas? E o que as citaram como menos gostam, não as consideram como algo trabalhado nas aulas de Educação Física? É interessante observarmos essa relação.

Mas por que essa rejeição toda com os jogos de tabuleiro e aulas teóricas? Acredito que essa pergunta é respondida se pensarmos que os alunos acreditam que a Educação Física é um momento de liberdade, de descontração, de diversão, não um momento de “continuarem presos” na sala de aula, como quase sempre ocorre em todas as outras aulas. É como diz o aluno William do 2º ano, que o que ele, e podemos dizer que grande parte dos alunos também não gosta de “ficar dentro da sala”.

Podemos definir da seguinte forma: uma pequena parte dos alunos escolheu algum esporte como o que não gosta nas aulas. Do restante, metade disse que não gosta das aulas de xadrez e das aulas teóricas. E a outra metade dos alunos pesquisados, respondeu sem sombras de dúvida que o que menos gosta nas aulas de educação física é “correr para aquecer”. Isso quem nos disse foi a Isabel, do 3º ano, mas exemplifica bem a rejeição dos alunos com relação ao aquecimento que a professora exige que os alunos participem. Entendemos como se dá o aquecimento da professora ao vermos as respostas de outras duas alunas. Mariana, do 1º ano nos diz que não gosta de “ter que correr em volta da quadra”. E Martha, do 2º ano

nos diz: “os alongamentos e aquecimentos”. Concluímos então, que a professora sempre⁸ pede para os alunos correrem em volta da quadra e realizarem um alongamento antes de iniciar a prática esportiva. Esse alongamento não é de agrado dos alunos, e fica mais evidente quando vemos que apenas uma aluna justificou a necessidade da realização do aquecimento. Rita, do 1º ano nos diz: [o que menos gosto é] “correr, alongar, mas é preciso se exercitar, e também quando está chovendo”. Ela foi a única aluna que tentou justificar a existência desse aquecimento dizendo que é preciso se exercitar. Vale ressaltar que quando a aluna diz que não gosta quando está chovendo é pelo fato de que nesses dias os alunos têm que ficar dentro da sala de aula.

O aluno Ricardo do 2º ano fez uma crítica aos outros alunos, já que diz que o que menos gosta é “falta de vontade dos alunos”. Já que percebemos que são muito poucos os alunos que não participam ou não gostam das aulas de Educação Física, que falta de vontade é essa? Posso afirmar que são poucos os alunos que não participo, pois isso foi constatado nas minhas observações. Por isso acredito então não ser decorrente de uma baixa participação nas aulas, e seria então no momento da realização dos jogos que os alunos não estão com tanta vontade assim como gostaria o colega.

Como sempre, tivemos aqueles alunos que adoram a educação física. Milene do 3º ano diz que “não tem nada que eu desaprove nas aulas de Educação Física”. Joana, do 1º ano afirma que “não há o que menos gosto nas aulas de Educação Física”. E Sabrina, do 3º ano fala que o que menos gosta é “nada, tudo é importante”.

E no contraponto dos que não vêm defeitos, têm os que acham que a existência da Educação Física por si só é um defeito. Estes alunos não gostam de: “ser obrigada a jogar, fazer exercícios para desenvolver o físico tudo bem, mas deveria ser opcional jogar depois” (Yara, 3º ano); “ficar correndo de um lado para o outro”. (Bianca, 2º ano). Fica claro que esse “correndo de um lado para o outro” para

⁸ Posso afirmar que é sempre, pois na observação realizada antes da entrega do questionário aos alunos, e em conversas informais com a professora, ficou constatado que essa prática ocorre sempre. Inclusive não há a necessidade de a professora autorizar o início do aquecimento. Eles mesmos ao chegarem na quadra já correm ao redor desta.

ela não é o mesmo correr que muitos alunos criticaram, referente ao aquecimento. Este “correndo” para essa aluna representa o jogo realizado nas aulas, onde ela não vê importância e não gosta. A aluna Jackeline, que foi mais uma a dizer que não gosta de Educação Física, deixou a questão sobre o que menos gosta em branco. E Cindy, a última das alunas que criticaram a Educação Física, respondeu que o que menos gosta é: “de correr antes de jogar”.

Chegamos à conclusão, no final desse primeiro bloco, que os alunos em sua maioria, consideram que o que é trabalhado em suas aulas de Educação Física são os quatro esportes principais: O futebol, o vôlei, o basquete e o handebol. Alguns outros alunos citaram os jogos de xadrez e as aulas teóricas. Mas sabemos que essas aparecem apenas nos dias de chuva, onde há a impossibilidade de se realizar aulas práticas na quadra.

A grande maioria dos alunos gosta das aulas de Educação Física. E o que mais gostam nessas aulas são das práticas relacionadas aos esportes. Mas a grande questão desse trabalho surge nesse momento. Os alunos preferem a prática de determinados esportes em virtude da inexistência de alguma outra prática? Ora, eu acredito que fica clara a afirmativa para essa resposta pois se eles têm apenas aulas dos quatro bols, como vão gostar de alguma outra atividade?

Não estou negando o esporte, como muitos autores e estudantes da Educação Física hoje o fazem. Muito pelo contrário, acredito ser o esporte o carro-chefe da nossa disciplina. Mas o que não podemos é afirmar que só trabalhamos os esportes tradicionais porque os alunos assim preferem. Como podemos afirmar o que os alunos preferem se eles nunca tiveram outras experiências ou as tiveram de maneira muito reduzida?

E com relação ao que eles menos gostam, alguns citaram os esportes. Mas grande parte dos alunos mencionaram as aulas de xadrez e aulas teóricas. Fica evidente que os alunos não gostam de permanecer na sala de aula nas aulas de Educação Física. Assim como também não gostam do aquecimento existente antes da prática dos alunos.

4.2. BLOCO 2: AULAS NO PASSADO.

No bloco 2, as seguintes questões estão englobadas:

- 1- O que tinha nas suas aulas de Educação Física na 1ª à 4ª séries?
- 2- O que tinha nas suas aulas de Educação Física na 5ª à 8ª séries?

Meu interesse nestas questões é tentar perceber quais as práticas habituais que os alunos tinham em suas aulas nesses dois períodos escolares. Quero tentar compreender se havia diferença nos conteúdos e na forma como esses eram passados nas séries do Ensino Fundamental e nas séries do Ensino Médio.

Alguns alunos afirmaram não lembrar o que tinham nas suas aulas: “Várias coisas não lembro” (Marcela, 3º ano); “Não lembro” (Robson, 1º ano, Rosangela, 3º ano); “Não lembro, era uma bagunça” (Otávio, 1º ano). Outras duas alunas afirmaram não terem tido aulas de Educação Física: “Eu não tive aulas de Educação Física” (Sabrina, 3º ano); “Não tive” (Márcia, 3º ano). E Michelle, do 2º ano apenas nos diz: “Aulas práticas”.

Segue abaixo, quadro demonstrativo das escolhas dos alunos com relação aos conteúdos nas aulas de Educação Física de 1ª a 4ª séries. Vale lembrar que, como nos quadros anteriores, esta pergunta possibilitava aos alunos responderem mais de uma alternativa, portanto, todas as opções foram somadas.

QUADRO 3 – CONTEÚDOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE 1ª A 4ª SÉRIES

Atividades realizadas	Número de escolhas
Jogos e brincadeiras ⁹	32
Queima ou caçador	32
Esportes mais tradicionais (os 4 bols)	17
Atividades rítmicas (dança, música, balé)	5
Atletismo	3
Não lembra	4
Aulas livres	3
Jogos de tabuleiro	2
Não tinha	2
Outros ¹⁰	4

Há um certo consenso quando avaliamos as aulas que os alunos tinham no período da 1ª à 4ª série. A grande maioria afirmou que havia o caçador, ou queima. Este foi o conteúdo mais citado pelos alunos. Podemos resumir bem o que a maioria dos alunos tentou nos passar com o que diz Silvana, do 1º ano: “Caçador, futebol, vôlei, corda, perna-de-pau”. Assim como o caçador, o vôlei e o futebol foram bastante citados, inclusive com algumas variações destes jogos: “Jogos: pular corda, queima, vôlei de rodinha” (Cristina, 3º ano); “caçador, ping-vôlei, futebol, volêi, salto em altura” (Lindamir, 1º ano), nestes casos uma variação do vôlei (vôlei de rodinha e ping-vôlei), “Corda, bambolê, queimada, futebol de prego, etc.” (Ricardo, 2º ano); “jogos, brincadeiras, como perna-de-pau, handebol, futebol de moeda” (Jéssica, 2º ano); “Queima, futebol, pega-pega, futebol de botão” (Paulo, 2º ano). Estes três últimos, comentando alguma variação do futebol (futebol de prego, de moeda e de botão).

⁹ Está classificado como jogos e brincadeiras diversas atividades realizadas pelos alunos, como por exemplo: Perna-de-pau, bambolê, vôlei de rodinha, pega-pega, amarelinha, e outras. Na sequência do trabalho podemos ver mais alguns exemplos que foram citados pelos alunos.

¹⁰ Os outros, neste caso são: Alongamento/aquecimento, aulas práticas e as mesmas coisas que temos hoje e reflexão. Cada uma destas foi dito por um aluno

Além do caçador, do vôlei e do futebol, também foram bastante lembradas as diversas brincadeiras infantis. Podemos ter uma idéia com a citação a seguir: “Jogo da força, quebra cabeça, jogo do pontilhado, trilha, da memória e outros mais queima” (Alessandra, 1º ano). Algumas outras brincadeiras também foram lembradas. Vou neste momento apenas colocar algumas das que foram citadas, e mostrar o aluno que as lembrou. Não irei colocar a citação toda do aluno, pois a maioria deles sempre acompanha o caçador, ou alguma outra brincadeira, e isso acabaria tomando um espaço desnecessário neste trabalho. Portanto, as demais brincadeiras lembradas foram estas: “amarelinha” (Roberson, 1º ano); “pular corda” (Carla, 3º ano); “bambolê” (William, 2º ano); “elástico” (Mariana, 1º ano); “lenço atrás” (Guilherme, 1º ano); “brincadeira estilo pega-pega” (Franciele, 2º ano); “perna-de-pau” (Jefferson, 1º ano).

Fernanda, do 2º ano se recorda: “queima, atletismo, aquecimento, futebol, alongamento”. Apenas esta aluna comenta sobre a existência de um alongamento e/ou aquecimento nas suas aulas de 1ª à 4ª série.

Renata do 3º ano nos diz: “brincadeiras, dança e esportes”. Sim, além das brincadeiras, alguns alunos citaram que tiveram aulas de dança. Outros também comentaram sobre os esportes.

“Muitas coisas, brincadeiras com bola, corda, dança, música, reflexão” (Rita, 1º ano). Ora, muito interessante a lembrança dessa aluna dizendo reflexão. Infelizmente ela não foi mais detalhada em nos dizer em que consistia essa reflexão, mas é interessante notarmos que pode existir algum tipo de reflexão em aulas de Educação Física, inclusive no ensino de 1ª a 4ª série.

Uma aluna nos lembrou também do: “balé” (Isabel, 3º ano). E há uma resposta interessante, da aluna Cindy do 3º ano que diz: “Tinha as mesmas coisas mas quando somos crianças é tudo mais divertido”. A busca dos jovens em se tornar adultos acarreta respostas como estas, onde a aluna afirmava gostar de jogar futebol por exemplo, quando era criança, mas hoje que ela é uma adolescente, ela não consegue mais gostar disso. Ora, o que impede que a aluna se sinta como criança numa aula de Educação Física e procure aproveitar o máximo, e, como ela mesmo disse que se divertia antigamente, buscar essa diversão hoje em dia?

Para terminar, Joana, do 1º ano afirma: “Vôlei, basquete, futebol e handebol”. Com isso, sabemos que também estavam presentes nas aulas de 1ª a 4ª série os esportes mais trabalhados no Ensino Médio.

Mas, de um modo geral, concluímos que as aulas do ensino de 1ª a 4ª série, possui uma enorme variedade de conteúdos. Essas aulas tinham desde brincadeiras infantis, como pega-pega, lenço-atrás, passando por brincadeiras com bola, como o caçador, até chegar em atividades como dança e os esportes. É interessante também observarmos que existe uma adequação dos esportes para a realidade das crianças. Joga-se vôlei de rodinha e ping-vôlei, ao invés de tentar jogar o vôlei com regras, onde dificilmente teríamos um grande tempo de jogo, onde a motivação dos alunos diminui por eles não conseguirem acertar.

Portanto, entendo que nossas crianças são tratadas como crianças em suas aulas de educação física. Considero o ser tratado como criança o fato de possuírem uma liberdade para brincar, para realizar suas atividades, já que é comum a criança ser tratada como um adulto em miniatura. Percebemos que nas aulas de Educação Física, as crianças ainda brincam, se exercitam através de atividades prazerosas para elas, e podemos considerar que se não eram prazerosas para todos, era quase isso, diferentemente do que ocorre no ensino médio, onde há uma clara descontentação por parte de alguns alunos.

Já em se tratando das aulas do ensino de 5ª à 8ª séries, temos o seguinte quadro apresentado: “Todos os esportes, variava de professor” (Vera, 3º ano); “Muito fundamento” (Martha, 2º ano); “todos os fundamentos do esporte” (William, 2º ano); “fundamentos” (Jonathan, 2º ano); “a base dos jogos” (Paula, 2º ano); “Jogos” (Vivian, 3º ano); “prática de exercícios físicos e esportes” (Rosane, 3º ano). Estes alunos não citaram nenhum esporte, ou atividade, mas pelo modo como se referem, sabemos que tratam, em sua maioria, dos esportes mais praticados no interior da escola, ou seja, de futebol, vôlei, basquete e handebol.

Michelle do 2º ano também não cita os esportes, apesar de sabemos do que se trata: “Aulas práticas de diversos esportes, teoria”. E somente mais uma aluna cita aulas teóricas: “jogos: vôlei, basquete, handebol, futebol. Aulas teóricas” (Cristina, 3º ano). Com isso, temos a impressão de que existiam menos aulas teóricas ainda na 5ª a 8ª séries do que em relação ao Ensino Médio.

Outro aluno que não cita, mas fala dos esportes é Jefferson, do 1º ano: “Nada demais, só praticávamos mais xadrez. O xadrez inclusive foi lembrado por mais cinco alunos: Mauricio do 2º ano, Joana do 1º ano, Yara, do 3º ano e Leandro que além do xadrez fala: “futebol, basquete, vôlei, ping-pong, dama”. Foram as únicas lembranças para damas e ping-pong. Por fim, Edgar do 2º ano que nos conta: “As mesmas coisas que tem hoje, basquete, vôlei, futebol, handebol, xadrez e condicionamento físico. Este aluno foi o único a mencionar condicionamento físico.

O atletismo foi lembrado por: Jackeline (2º ano), Rubens (2º ano), Renata (3º ano) e Juliana (2º ano) que nos falam: “esportes já trabalhados e atletismo”.

Alessandra do 1º ano, Ana do 1º ano, Patrícia do 2º ano e Augusto do 3º ano se lembraram da “queima”, ou se preferirem “caçador”.

Isabel, do 3º ano lembra da “ginástica”, Mariana do 1º ano fala em “correr em volta da quadra”, e Márcia do 3º ano nos lembra de “brincadeiras e competições”.

E tivemos Cindy, do 3º ano que disse a mesma resposta da pergunta anterior (o que tinham nas aulas de 1ª a 4ª série), onde ela dizia: “tinha as mesmas coisas mas quando somos crianças é tudo mais divertido”.

Todos os demais 27 alunos responderam de um a quatro esportes, sendo estes, obrigatoriamente, o voleibol, o basquetebol, o futebol e o handebol, este último, o menos citado e possivelmente menos praticado, como fica claro no que diz Marcela, do 3º ano: “futebol, vôlei, basquete, às vezes handebol”. Por coincidência, temos um total de 54 questionários pesquisados, portanto, exatamente metade dos alunos citaram apenas, e nada mais, os quatro esportes. Algumas citações são interessantes: Talita nos explica como funcionava o planejamento anual: “Prática de esportes. Cada bimestre um. ex.: no primeiro: vôlei, no segundo: handebol, etc.”.

Uma outra resposta relacionada aos esportes e que me parece interessante considerar é a seguinte: “Esportes mais sérios, futebol, basquetebol, voleibol e handebol” (Guilherme 1º ano). Ora, o que estes esportes têm de mais sérios em relação aos outros? Será que a natação não é séria? O judô não é sério? O punhobol não é sério? Não podemos considerar como mais sérios pelo simples fato de que são mais praticados, de maior acesso. No momento da prática nas aulas de Educação Física, a mesma seriedade que um aluno pratica o futebol, ele deve ter para praticar o tênis, caso o professor se proponha a trabalhar este conteúdo.

Para deixar bem claro o que acontece nas nossas aulas de 5ª a 8ª série, Sabrina do 3º ano diz: “As mesmas coisas que eu tenho hoje”. Portanto os conteúdos se repetem e o que os alunos têm de aula desde a 5ª série, vão ter até o 3º ano do Ensino Médio. É claro que os alunos ficam desestimulados conforme vai passando o tempo e ele se vê fazendo as mesmas coisas. Imagina se o aluno tivesse, na aula de matemática, aula de geometria desde a quinta até o terceiro ano? Não vemos possibilidade de acontecer isso, mas porque na Educação Física isso ocorre? O grande déficit que a Educação Física traz não é só o fato de repetir seus conteúdos, até porque isso é algo que pode acontecer naturalmente, mas o que não pode é os alunos só terem isso e nada mais.

Percebemos que metade dos alunos questionados responderam que só tiveram aulas dos esportes. E isso desde a 5ª série. A outra metade, apesar de falar de algum outro conteúdo, citam, sem exceção, se não de maneira clara mas indireta, os esportes. Alguns alunos esquecem que tiveram aulas de xadrez. Outros esquecem as aulas teóricas, mas ninguém esquece as aulas de vôlei, futebol, basquete e handebol. Por que? Será que é porque elas são melhores que as outras? Será que é porque os alunos gostam mais delas do que das outras? Pode ser que sim, mas eu prefiro acreditar que isso ocorre porque os alunos têm uma quantidade imensa de aulas destes esportes, e uma pequena quantidade de aulas diferentes. Isso faz com que eles até esqueçam que tiveram outras aulas.

Portanto, fica claro que, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, de 1ª a 4ª séries, as crianças são tratadas como crianças, ou seja, não são adultos em miniatura e têm diversas atividades lúdicas, brincadeiras em suas aulas. Mas quando chegam na 5ª série, até o 3º ano do Ensino Médio, suas aulas se resumem à prática de futebol, vôlei, basquete e handebol, com algumas exceções, onde são praticados xadrez, damas, aulas teóricas, ou caçador e atletismo.

4.3. BLOCO 3: OPÇÕES DE CONTEÚDOS.

No bloco 3, as seguintes questões estão englobadas:

- 1- O que você acha que deveria ter nas aulas de Educação Física?
- 2- Você gostaria de ter aulas de capoeira e lutas? Por quê?
- 3- Você gostaria de ter aulas de dança? Por quê?
- 4- Você gostaria de ter brincadeiras e jogos nas aulas de Educação Física? Por quê?

Através destas perguntas, busco compreender o que os alunos gostariam de ter nas aulas de Educação Física. A primeira questão é de uma forma mais ampla, onde ele diz aquilo que acha que deveria acontecer nas aulas de Educação Física. Já as outras três perguntas são mais direcionadas a um determinado tema. Optei por fazer essas três perguntas, pois se deixasse apenas o que eles gostariam de ter nas aulas, muitos não responderiam outras coisas por não terem tido experiências anteriores, ou pelo fato de nem saberem que isso pode fazer parte de uma aula de Educação Física.

E em se tratando da primeira questão deste bloco, que indaga o que os alunos gostariam de ter nas aulas de Educação Física, esta é uma das questões de maior dificuldade de análise, já que há uma variedade muito grande nas respostas.

Primeiramente, os alunos Guilherme do 1º ano e Roberta do 3º não responderam à pergunta. Já Paulo, do 2º ano nos diz: “Não sei”.

Começarei mostrando as respostas onde os alunos buscam novas alternativas de aulas, mas não especificam quais seriam essas atividades. As respostas são: “Mais opções de jogos” (Yara, 3º ano); “mais variedade de coisas” (William, 2º ano); “jogos novos” (Carla, 3º ano); “Outros esportes” (Juliana, 2º ano); “Mais aulas, outras atividades” (Jéssica, 2º ano); “Esportes variados” (Rosangela, 3º ano); “Outras modalidades de esportes” (Milene, 3º ano); “Mais variedade de jogos” (Rafaela, 3º ano).

Tivemos ainda, os alunos que deram algumas sugestões de conteúdos novos a serem acrescentados nas aulas de Educação Física. Poderíamos resumir essas idéias

gerais no que diz Ricardo, do 2º ano: “natação, ping-pong, boliche, lutas como: capoeira, judô, karate, e etc”.

Houve algumas lembranças à natação e ao atletismo: “natação, e o que já tem de esportes” (Leandro); “Natação” (Franciele, 2º ano e Andréia, 2º ano); “Aulas de natação” (Jefferson, 1º ano) “atletismo” (Igor, 1º ano; Jonathan, 2º ano e Fernanda, 2º ano).

Tivemos algumas outras respostas importantes: “dança, natação, capoeira” (Bianca, 2º ano); “o que deveria ter é aulas de ginástica, lutas” (Isabel, 3º ano); “para mim... eu acho que aula de dança” (Sílvia, 2º ano); “Dança, ginástica, entre outras atividades” (Vera, 3º ano); “Várias atividades diferentes com brincadeiras, dança, etc.” (Regina, 2º ano); “Aulas de dança, aulas diferentes, alongamento, ginástica” (Renata, 3º ano). “Atividades mais criativas, como ginástica ou brincadeiras (competições)” (Márcia, 3º ano). Mas o que será que essa aluna pretende ao colocar essas competições entre parênteses? Será que existe alguma relação com as brincadeiras que ela citou anteriormente? Ou será que ela gostaria de competições nas aulas de Educação Física. Sobre isso, temos outros alunos que se posicionaram dessa maneira.

Alguns alunos adeptos das disputas solicitam: “mini-campeonatos” (Roberson, 1º ano); “competição” (Silvana, 1º ano). Esses dois alunos gostariam de ter eventos competitivos nas suas aulas. Ora, mas as aulas de Educação Física já não são competitivas? Os alunos montam times, e jogam um contra o outro, com o objetivo de ganhar da outra equipe. A idéia dos mini-campeonatos é interessante, mas não viável para as aulas de Educação Física e sim, como uma atividade paralela, extra-classe.

E algumas outras atividades também foram lembradas: “peteca” (Robson, 1º ano); “brincadeiras como queima, ping-pong” (Paula, 2º ano); “Natação, ping-pong e rugby” (Maurício, 2º ano); “mais basquete e algumas artes marciais como capoeira e jiu-jitsu”. (Edgar, 2º ano).

Será que estes conteúdos citados pelos alunos não são possíveis de serem trabalhados nas aulas de Educação Física? Atletismo, dança, outros esportes, ginástica, ping-pong, outras lutas, capoeira, e até mesmo a natação? Será que não se pode ao menos o professor apresentar aos alunos essas outras atividades? Sim,

a grande maioria dos nossos colégios não possui uma piscina, onde os alunos poderiam ter aula de natação, pólo aquático, e outras atividades que necessitam de uma piscina. Mas será que o professor não pode dar uma aula teórica onde explicaria um pouco sobre os quatro estilos da natação, sobre o que é o nado sincronizado, sobre como são realizadas as provas de saltos ornamentais? Ou então, sobre os benefícios das atividades físicas realizadas na água, explicando aos alunos que há uma diminuição de cerca de 90% do peso corporal da pessoa quando se está na água, que há um menos risco de lesões de articulações na água, já que o impacto é muito menor do que as atividades no solo?

E isso não só com a natação/atividades aquáticas. Com as demais sugestões dos alunos também é possível uma realização de aula, e na maioria dos casos, como a ginástica, o judô, a capoeira, além de ser possível uma aula teórica, é possível a realização de atividades práticas, o que torna a atividade mais atraente para os alunos.

Apesar de que muitos alunos afirmaram não gostar das aulas teóricas, alguns afirmaram que deveria haver mais aulas teóricas. Quando indagados o que acham que deveria ter nas aulas de Educação Física, tivemos essas respostas: “aulas teóricas” (Jackeline, 2º ano); “mais aulas teóricas” (Rosane, 3º ano); “aulas teóricas em dias de chuva” (Rubens, 2º ano). Foram somente essas três lembranças, mas é claro que se tivessem aulas teóricas sobre assuntos do interesse dos alunos, teríamos uma maior quantidade de alunos que gostariam de aulas teóricas, apesar de que, esse é um assunto para mais tarde, já que há uma questão que trata especialmente das aulas teóricas.

Temos também aqueles alunos que não vêem outras necessidades para as aulas de Educação Física: “acho que mais nada” (Sabrina, 3º ano); “para mim nada, está bom desse jeito” (Rita, 1º ano); “acho que não é preciso de nada já está bom” (Marcela, 3º ano); “Na minha opinião, os esportes já praticados são o suficiente” (Talita, 3º ano); “Não sei, porque para mim está bom assim” (Augusto, 3º ano); “Nada, já é legal” (Vivian, 3º ano); “eu acho que as aulas de Educação Física estão bem assim” (Cristina, 3º ano). O fato curioso, é que de todas as respostas afirmando estar contente com as aulas desta forma, apenas uma não foi de aluno do terceiro ano. No total foram seis. Uma possível explicação para isso, é um fato que engloba

todos os nossos colégios, com as turmas de 3º ano, que é o fato de estes estarem preparando-se para o vestibular, ou simplesmente pelo fato de já estarem no final de seus estudos. Para alguns (que inclusive já trabalham), parece ser mais cômoda a realização de aulas de Educação Física desta forma que está sendo realizada. Alunos do primeiro e segundo ano, ainda têm ambições diferentes, vontades diferentes, e quando chegam no terceiro ano, estão cansados, exaustos por todo esse tempo na escola. Pensam em ir para a faculdade, ou simplesmente não ter mais que estudar, e se adaptam, se acostumam à rotina e às aulas de Educação Física neste mesmo contexto que eles tiveram e estão tendo.

E em contraposição à educação física, Cindy do 3º ano nos diz que “eu acho que não deveria ser obrigatório jogar”. Essa é uma crítica já feita por outros alunos na questão sobre o que menos gosta nas aulas de educação física.

Algumas idéias sobre as estruturas das aulas também surgiram: “deveria ter mais aulas durante a semana com duração de uma hora” (Lindamir, 1º ano); “mais tempo para praticá-la” (Martha, 2º ano); “acho que pelo menos uma aula por semana deveria ser livre” (Mariana, 1º ano).

Alguns alunos deram ainda sugestões importantes e interessantes, que são muito viáveis. “um pouco da história de cada esporte, por exemplo” (Paulo Ricardo, 2º ano). Sim, é possível, e até mesmo necessário, que os professores dêem uma idéia da história de cada esportes para seus alunos. Isso é algo até mesmo fácil para os professores, já que grande parte dos professores teve isso na universidade, ou, com o auxílio tecnológico, temos de fácil acesso, todas as informações necessárias para uma aula na Internet, por exemplo.

Outra resposta interessante e que merece análise é a seguinte: “algumas informações sobre o nosso corpo como exemplo: batimento cardíaco, peso e outros” (Isabella, 3º ano). Ora, se para muitos professores a Educação Física é saúde, qualidade de vida, porque não são passadas essas informações aos nossos alunos? Porque os professores se acomodam e não passam explicações simples, encontradas em qualquer livro de fisiologia por exemplo, e explica ao seu aluno o que ocorre com sua frequência cardíaca no exercício; como funciona a queima de energia com a prática de atividade física. Não há profissional que tenha saído da

faculdade e não tenha um mínimo de conhecimento necessário sobre esse assunto para dar uma aula aos alunos do Ensino Médio.

Patrícia, do 2º ano nos solicita uma “mudança de ambiente”. É interessante isso, acho que não só para as aulas de Educação Física, mas para a escola de um modo geral que seja proporcionado uma mudança de ambiente. Porque não, em um certo dia, realizar as aulas de Educação Física no pátio do colégio ao invés de ser sempre nas quadras? Porque não realizar uma caminhada nas ruas próximas ao colégio? E nas outras disciplinas, porque sempre aulas nas salas de aula? Os alunos precisam de algo diferente, algo que os dê uma motivação para aquela aula. São coisas que podem acontecer muito esporadicamente, mas que se acontecerem, trarão alguma significância para os alunos certamente.

E para terminar, tivemos algumas propostas que podem ser interessantes, mas que já são de maior dificuldade para os professores de Educação Física, ou toda a instituição escolar poderem realizar.

Michelle, do 2º ano nos propõe: “visita a atletas profissionais e a quadras e campos oficiais para o melhor entendimento dos esportes”. Podemos afirmar que é uma idéia ótima mostrar aos alunos um pouco do que ocorrem com os atletas profissionais e seus “locais de trabalho”. Apesar de viável, pode haver dificuldades em se realizar uma “excursão” de alunos para um clube de futebol, por exemplo, e mostrar para eles o funcionamento desde ambiente. Acredito ser mais fácil, o convite a um atleta e que esse possa ir a instituição e realizar uma palestra com os alunos, por exemplo. Mas, certamente, é um pedido muito interessante o dessa aluna, não apenas para o entendimento dos esportes, como justificado por ela, mas também para a compreensão da vida de atletas e demais pessoas que estão envolvidas com o esporte profissional.

Ana, do 1º ano nos pede: “aulas de luta, body combat”. Não podemos negar que a Educação Física na escola deve proporcionar aos alunos as diferentes vertentes da Educação Física, e porque não, mostrar a eles o que acontece na academia? Só não sei se haveria a possibilidade da realização de uma aula específica, como no caso a aluna solicitou o body combat, mas é possível sim que os professores tratem o que ocorre numa academia de ginástica e exponha isso para seus alunos. Mesmo que não seja possível de uma maneira prática, alguma

coisa teoricamente é possível mostrar a eles. E assim como na proposta da aluna anterior, que solicitou visita a atletas profissionais, podemos também realizar uma “visita” com os alunos a alguma academia, e desta forma explicar o que ocorre neste local.

Joana do 1º ano diz: “Deveria ter uniformes adequados e quadras cobertas”. Sabemos que a realidade econômica de nossos alunos não possibilitaria para a grande maioria destes, a aquisição de uniformes especialmente para a prática das aulas de Educação Física. Assim como é muito difícil conseguir a construção de quadras cobertas por parte de alguns colégios, especialmente os da rede pública de ensino.

Otávio, do 1º ano diz: “ordem”. Não fica claro que ordem é essa solicitada pelo aluno. Será que ele acha que as aulas de Educação Física são muito bagunçadas e deveriam ser melhor orientadas, melhor disciplinadas?

Por fim, temos a aluna Alessandra do 1º ano que nos pede aulas de “futebol americano, jogos no computador, baisebool (sic)”. Ora, por que será que essa aluna tem uma influência tão grande dos esportes americanos? Mas é claro, que como já comentado anteriormente, é possível que o professor passe alguma idéia do que é determinado esporte. Mesmo que existam algumas impossibilidades para a sua prática, pelo menos é possível alguma vivência sobre futebol americano e beisebol.

O mais complicado é ao tentar propiciar a vivência de jogos no computador. Primeiro porque perde um pouco a essência da Educação Física que é proporcionar atividades físicas para os alunos e segundo, pois não há disponibilidade desse recurso na grande maioria das escolas brasileiras. Não podemos deixar de considerar que esses jogos se constituem como um dos grandes atrativos e opções de lazer de um número crescente de crianças e jovens em nossa sociedade. Entendendo que a Educação Física deve ser voltada à parte prática e dessa forma direcionar os alunos a uma diversidade de opções de utilização nos momentos de lazer, de que forma podemos pensar essas possibilidades “paradas” de lazer?

Ao final da análise do que os alunos gostariam de ter, é notório que existem muitas coisas que interessam aos alunos e que os professores poderiam trabalhar em suas aulas. Desde atletismo, capoeira, ginástica, até natação, jiu-jitsu, futebol americano, tudo pode ser utilizado numa aula de Educação Física. Se não a sua

prática esportiva, como é o caso da natação, mas apresentando o conteúdo de forma compromissada, trazendo elementos da prática destes outros conteúdos. Ou então através de reflexões sobre determinadas situações, como por exemplo ao passar a questão da filosofia que existe para os praticantes da capoeira, ou do judô, por exemplo.

Quando questionados se gostariam de ter aulas de capoeira e lutas, dois alunos ficaram indecisos: “talvez, pode ser bom, ou até ruim em algumas ocasiões”. (Leandro); “não sei, nunca tive aulas desse gênero” (Talita, 3º ano). Fica claro que a dúvida desses alunos é decorrente do que diz a Talita, já que nunca teve aulas desse gênero, como pode saber se será bom ou ruim? Não podemos negar que a grande maioria dos alunos que se posicionaram a favor ou contra, também partem da imaginação, e não da prática, para justificarem suas respostas.

Dos alunos que não aprovariam estas atividades nas aulas de educação física, alguns apenas disseram que não, sem justificar: “Não” (Marcela, 3º ano e Vivian também do 3º ano). “Não. Porque não” (Otávio, 1º ano e Robson, 1º ano).

Outros disseram apenas que não gostariam de realizar essas atividades: “não, porque não curto” (Jéssica, 2º ano); “não, não gosto” (Rubens, 2º ano e Jackeline, 2º ano); “Não, pois não gosto de capoeira e nem de lutas” (Rosane, 3º ano); “Não, porque não gosto muito desse tipo de esporte” (Patrícia, 2º ano); “Não, pois não tenho jeito para isso” (Cristina, 3º ano). É perceptível que boa parte dessas pessoas que afirmam não gostar, não devem ter tido uma experiência com essas práticas anteriormente, pois, se tivessem tido, provavelmente usariam isso para justificar seu desgosto por essas práticas.

A maior justificativa dos alunos que são contrários à realização das aulas de lutas e capoeira é relacionada à violência. Tivemos as seguintes respostas: “Não, muito agressivas” (Mauricio, 2º ano); “Não, eu acho que estenderia mais a violência” (Guilherme, 1º ano); “Não, porque as lutas provocariam mais violência” (Rita, 1º ano); “Não, porque quem aprendesse já ia querer usar para bater nos outros”. A preocupação com a violência é muito aceita e bem justificável que exista. Não apenas por parte dos alunos, mas também dos professores. Ao se propor a trabalhar o conteúdo da capoeira, e das lutas, deve ter controle e deixar bem claro quais as finalidades daquelas práticas. É por isso que, o que são propostos, são lutas que

possuem uma filosofia, como é o caso do judô, do karate, e outras lutas orientais, assim como a capoeira e sua identificação histórica com o negro escravo brasileiro. Portanto, o professor não pode permitir que saia de seu controle a realização dessa prática, buscando a compreensão dos alunos que aquilo não pode ser usado para a violência.

Outras justificativas para a não concordância em se trabalhar lutas e capoeira nas aulas de Educação Física: “não, porque seria um esporte fora do patamar do colégio” (Roberson, 1º ano). Ora, o que seria o patamar do colégio? O que será que esse aluno entende como patamar do colégio? Entendo que ele quer nos passar que isso não é próprio da Educação Física, e por isso não deve ser praticado. É uma visão que pode existir dentro do colégio, já que o costume com as aulas dos quatro bols estão vigorando há tanto tempo que os alunos não acreditam que existem outras possibilidades para as aulas de Educação Física.

“Não, porque são aulas muito pesadas e desnecessárias” (Mariana, 1º ano). Será que são muito pesadas mesmo? Será que o jogar futebol, por exemplo não requer um esforço físico muito maior por parte dos alunos? Será que são mesmo desnecessárias? Será que o jogar futebol, todos os dias, por pelo menos dois meses é tão necessário?

“Não, pois poderiam ocorrer lesões durante a atividade” (Michelle, 2º ano). Volto a fazer uma comparação com o futebol praticado. Não há o risco de lesões nas aulas de futebol nas escolas? Mas elas quase nunca ocorrem. Por quê? Porque existe um respeito entre os alunos, que na maioria das vezes, são amigos dentro da sala de aula. Então, ao praticarem o judô, por exemplo, haveria também um cuidado entre os colegas, para evitar que haja algum tipo de lesão no companheiro. Problemas surgem, e pode haver uma torção de tornozelo, por exemplo, tanto na prática do futebol quanto do judô.

Mas tivemos quase o dobro dos alunos dizendo que gostariam de ter aulas de capoeira e lutas. Alguns não justificaram: “Sim” (Augusto, 3º ano); “Sim, porque é bem legal”. (Silvana, 1º ano), ou então como diz Silvia do 2º ano: “Porque sempre tive vontade de aprender”

Segue abaixo, quadro demonstrativo sobre as opiniões dos alunos sobre aulas de capoeira e lutas. Temos então que quando perguntados se gostariam de ter aulas de capoeira e lutas:

QUADRO 4 – OPINIÃO DOS ALUNOS COM RELAÇÃO ÀS AULAS DE CAPOEIRA E LUTAS

Respostas dos alunos	Incidência das respostas
Sim	33
Não	18
Não sei/Talvez	2
Não respondeu	1

Tivemos dois alunos que disseram já ter praticado alguma dessas atividades propostas: Cindy do 3º ano diz que: “sim, pois já pratiquei capoeira e é bem legal”. E Paulo Ricardo, do 2º ano, escreve o seguinte: “Capoeira não, mas outras lutas sim, pois eu, como pratico judô, sei o quanto é bom pelo lado físico e mental da pessoa um esporte desse tipo. Tenho certeza que se houvesse mais incentivo na prática de esportes com filosofia, seria bom para o lado social do esporte também”. Podemos então perceber que as pessoas que praticam, ou já praticaram lutas ou capoeira, entendem que suas práticas se encaixariam perfeitamente nas aulas de Educação Física. Apenas não é compreensível o que diz o aluno Paulo Ricardo quando afirma categoricamente que a realização da capoeira não deveria acontecer. A capoeira também tem uma filosofia, assim como o judô, e também poderia ser bom para o lado social e, inclusive, como nos diz Milene, do 3º ano nesta mesma questão: “sim, de capoeira, pois é da nossa tradição e associa o corpo e a mente”. Portanto, os mesmo benefícios que o judô traz, a capoeira também traz, e essa é algo mais presente na cultura brasileira.

Outros justificaram por ser uma boa prática: “Sim, pois é um ótimo exercício” (Fernanda, 2º ano). “Sim, por ser interessante aprender artes novas e ótimos exercícios físicos” (Ricardo, 2º ano); “Sim, para ficar com o corpo mais flexível” (Rafaela, 3º ano);

Tivemos uma grande parte que relacionou com o esporte: “Sim, porque são esportes ótimos” (Jonathan, 2º ano); “Sim, acho legal, adoro Educação Física e tudo

que tem haver (sic) com esportes eu gosto” (Vera, 3º ano); “Sim, para aprender e usar como esporte” (Igor, 1º ano); “Sim, seria muito bom ter aulas de luta, como o Muay Thai, pois também é um esporte” (Juliana, 2º ano); “Sim, é um esporte diferente com muitas variedades” (Márcia, 3º ano); “Sim, as pessoas têm que praticar outros esportes” (Rosangela, 3º ano); “Sim, porque teríamos mais esportes variados” (Martha, 2º ano). É impressionante como as aulas de Educação Física estão ligadas aos esportes. Os alunos a entendem não como aula de Educação Física, mas sim como aula de prática esportiva. Temos algumas lutas que podem ser consideradas esportes, uma vez que há competição, inclusive olímpica, como é o caso do judô, do tae kwon do e do boxe. Em outros existem disputas em diferentes esferas, como o jiu-jitsu, o muay thai, e outros, e existem lutas que nem há o caráter de competição, como a capoeira. E, grande parte dessas lutas, apesar de disputadas, sua função principal não é o esporte, a competição. Muitas delas foram criadas para outros fins e acabaram se adaptando e se esportivizando. Na maioria das academias onde há a existência da prática de lutas, a função principal destas é outra, não a busca por vitórias individuais no caráter esportivo.

Tivemos ainda os que justificaram a sua presença para aprender a se defender, ou como defesa pessoal: “Capoeira é um jeito de se exercitar e se defender” (Andréia, 2º ano); “Sim, porque é muito legal e a gente aprende a lutar” (Roberta, 3º ano); “Sim, pois é uma ótima defesa pessoal” (Paulo, 2º ano); “Sim, como defesa pessoal” (Paula, 2º ano); “Sim, porque trabalha com a nossa alta defesa” (Franciele, 2º ano); “gostaria, porque quem sabe até aprender a se defender a gente poderia” (Bianca, 2º ano); “Lutas sim. Porque é algo a mais para se defender e aprender” (Isabel, 3º ano). Portanto, esses alunos estão vinculando suas justificativas à necessidade de aprender a se defender, e porque não dizer que, conseqüentemente, aprendendo a brigar. Mas será que é esse o objetivo que essas aulas teriam na escola? Levaríamos a capoeira e as lutas para a sala de aula para os alunos aprenderem a se defender? Acredito que essa pode ser uma conseqüência, mas nunca o objetivo principal ao se propor essas atividades, diferentemente do que estão pensando os alunos. Em primeiro lugar, as práticas destas atividades não seriam tantas, e conseqüentemente, não sairiam “lutadores” ou “capoeiristas” de primeira linha das nossas aulas. É a mesma relação que existe

com o esporte. Nosso objetivo não é a descoberta de novos talentos esportivos. O objetivo, então seria apenas propiciar novas atividades para os alunos, e para que esses saibam que se quiserem realizar uma prática física, não existem apenas os quatro esportes tradicionais. Existem outras opções, e o professor de Educação Física, ao levar uma aula de capoeira, estará propondo isso.

Uma grande quantidade de alunos gostaria destas aulas para estarem vivenciando algo diferente nas aulas. “Sim, gostaria porque é diferente (sai da rotina),e mexe com o corpo e com a mente” (Renata, 3º ano); “Sim, porque seria uma atividade diferente” (Regina, 2º ano); “gostaria, porque ficar sempre nas mesmas atividades enjoa e isso poderia ser muito bom para a disciplina de certos alunos” (Jefferson, 1º ano); “Sim, porque seria interessante desenvolver outras atividades nas aulas” (Yara, 3º ano); “Sim, pois assim não ficava sempre na mesma” (William, 2º ano); “sim, porque teria uma atividade a mais” (Carla, 3º ano); “Sim, pois são atividades diferentes que dificilmente são praticadas” (Isabella, 3º ano); “Sim, pois temos um meio diferente de se movimentar que é legal e também ficar jogando as mesmas coisas se torna monótona, chato” (Ana, 1º ano).

Bom, é muito simples eu dizer aqui que os alunos estão abertos a mudanças nas aulas de Educação Física. Pela quantidade de resposta que tivemos de alunos que estão dizendo ser importante a prática de capoeira ou lutas pelo simples fato de que isso representaria uma mudança, um diferencial, um algo a mais, isso já nos dá a clareza de que não satisfaz tanto assim aos alunos as aulas dos “quatro bols”.

Por fim, o aluno Edgar, do 2º ano escreveu o seguinte: “Sim, para aprimorar a força e a agilidade e, é lógico, ser mais experiente nos “pancadão”. Provavelmente ele está se referindo às brigas, quando diz “pancadão”. Mas para contestar a proposta dele, temos a aluna Alessandra, do 1º ano, que diz: “de lutas, é legal e mantém o controle da pessoa, a concentração e disposição”. É claro que corremos o risco de encontrar nos colégios alunos que queiram usar a prática de alguma luta para utilizar de modo violento, mas como já disse anteriormente, cabe ao professor tentar passar aos alunos o que nos diz a Alessandra: Que as lutas “mantém o controle da pessoa, a concentração e a disposição”.

A questão da dança é muito polêmica e gera muitas dúvidas na escola. Alguns alunos ficaram em dúvida se gostariam de ter aulas de dança ou não:

“Talvez, pode ser bom” (Leandro); “indiferente” (Jackeline, 2º ano); “Não sei, nunca tive aulas desse gênero” (Talita, 3º ano).

Mas embora apenas três alunos terem dito que estão em dúvidas, grande parte dos alunos apesar de se posicionarem, têm dúvidas sobre os benefícios de uma aula de dança, visto que grande parte das respostas foram não, porque não gosto, ou sim, porque gosto. Veremos a seguir esse fato. Mas o curioso é percebermos as dúvidas que a dança traz aos alunos, já que, houve um equilíbrio muito grande nas respostas, diferentemente do que ocorreu na pergunta envolvendo as lutas e a capoeira.

Segue abaixo, quadro demonstrativo sobre as opiniões dos alunos em relação à existência de aulas de dança.

QUADRO 5 – OPINIÃO DOS ALUNOS COM RELAÇÃO ÀS AULAS DE DANÇA

Resposta dos alunos	Incidência das respostas
Não	26
Sim	25
Não sei/Talvez/Indiferente	3

A grande maioria das justificativas contrárias às aulas de dança foram relacionadas com o fato de os alunos não gostarem de dançar. Essa foi a resposta mais freqüente dentre todas: “Não, não gosto de dançar” (Cristina, 3º ano, Ricardo, 2º ano, Igor, 1º ano; Martha, 2º ano, Rosane, 3º ano); “Não, não gosto” (Rubens, 2º ano, Jéssica, 2º ano); “Não, porque não gosto” (Guilherme, 1º ano); “Não, não me interessa” (Juliana, 2º ano); “Não, não gosto muito de dançar” (Jefferson, 1º ano); “Não, porque eu não sei dançar” (Silvana, 1º ano); “Não, detesto dançar” (Alessandra, 1º ano); “Não, não curto muito dança, só um pouco de street¹¹ ia ser

¹¹ Street: Tipo de dança criada nos Estados Unidos e muito difundido no Brasil nas classes mais baixas. Dança utilizada em músicas do estilo Rap. Essa dança possui muitos elementos e

massa” (Edgar, 2º ano); “Não, porque eu não sou chegada em dança, não tenho balanceado no corpo” (Rita, 1º ano); “Não, porque nem todas as pessoas gostam de dançar” (Roberson, 1º ano); “Não, porque nem todo mundo gosta do mesmo tipo de música” (Mariana, 1º ano).

São justificativas interessantes, pois do que adiantaria os professores oferecerem aulas de dança, mas a maioria dos alunos não a praticarem por não gostarem de dança? Ou se praticarem, sem vontade, com um caráter de obrigação? Isso não é vantagem, e para existir a dança dessa maneira, é melhor que não exista. Muitos podem dizer: Ah, mas tem alunos que não gostam dos quatro esportes também! Sim, percebemos isso na análise do bloco 1, mas a quantidade de alunos que não gostam, é muito inferior aos que gostam, já no caso da dança, uma boa parte dos alunos não gostariam de realizar essa atividade. Então o que fazer? Não devemos dar aulas de dança? Num primeiro momento deve-se realizar uma explicação por parte do professor sobre o que é aquela dança, qual o seu objetivo ao propor isso, ouvir os empecilhos que os alunos acreditam ter, e com isso, tentar uma compreensão maior por parte dos alunos em relação àquela prática. Se o professor apenas chegar e ir para uma prática de dança, irá encontrar uma resistência enorme, mas se este possuir um diálogo com os alunos, de maneira franca e aberta, explicando o significado e o porque dessa dança na escola, poderá conseguir melhores resultados.

Mas tivemos ainda algumas outras justificativas para o não da dança na escola: “Não, é interessante mas não algo pra fazer na escola” (Yara, 3º ano) Porque será que a aluna não acredita ser algo interessante para se tratar na escola? “Não, porque não acho produtivo” (Isabella, 3º ano). Podemos até aceitar essas justificativas de que não é produtivo, ou interessante, assim como devemos concordar que os alunos jogando vôlei todos os dias também não é produtivo nem interessante. Se for seguir essa linha de pensamento, nada na Educação Física é produtivo ou interessante. Mas é claro que uma aula de dança pode ser produtiva sim, e interessante também, basta saber o que trabalhar, e como trabalhar isso.

movimentos que são realizados no solo, por isso seu nome de street. Lembra um pouco alguns movimentos da capoeira.

“Não, por poder haver constrangimentos” (Michelle, 2º ano). As aulas de Educação Física pelo simples fato de existirem são constrangedoras. Os alunos saem das salas de aula, têm seus corpos à mostra, realizando movimentos, correndo, suando. Isso tudo é constrangedor para alguns alunos. Temos ainda aqueles que não sabem jogar, que passam vergonha quando levam um drible ou erram um saque. Tudo isso é constrangedor. Cabe ao professor tentar minimizar os transtornos que as aulas de Educação Física trazem para os alunos. O professor deve evitar os constrangimentos numa aula de dança, numa aula de atletismo, numa aula de handebol, numa aula de capoeira, numa aula de futebol e assim por diante. Essa é a função do professor, mostrar para os alunos que um pode ser melhor no futebol, mas o outro é na capoeira, um é melhor no basquete, mas o outro é na dança, um é melhor nas aulas de Educação Física, mas o outro é na Matemática. Todos os alunos têm qualidades e defeitos, gostam mais de uma coisa do que de outra, e isso não faz ninguém ser melhor ou pior, mas sim diferente, em relação ao outro.

Por fim, Paulo do 2º ano nos diz: “Não, porque é muito gay (sic)”. Tivemos um único aluno que expressou sua opinião desta forma. Temos com isso que ou a maioria dos alunos não possuem essa opinião, ou então não tiveram “coragem” para dizer isso. Mas de qualquer forma, todos nós sabemos que os meninos também dançam, seja forró, seja música eletrônica, seja o street, como lembrou outro aluno. Infelizmente, não conhecemos a realidade deste aluno para tentar encontrar uma justificativa para essa resposta. Não sabemos quais as influências que ele teve em sua vida para ter esse preconceito com relação à dança. Mas enquanto professores de Educação Física, temos a oportunidade de utilizar esse tipo de opinião para trabalhar nas nossas aulas a questão do preconceito e buscar um maior respeito de nossos alunos, já que não podemos apenas observar um aluno com uma idéia dessas.

Assim como tivemos a grande maioria dos alunos que não gostariam de aulas de dança por não gostarem de dançar, tivemos alguns alunos que gostariam das aulas de dança por gostarem dessa prática: “Sim, porque amo dançar” (Silvia, 2º ano); “Sim, eu acho legal dançar” (Lindamir, 1º ano); “Gostaria porque gosto de dançar, mexe bem o corpo sem precisar ficar correndo de um lado pro outro”

(Bianca, 2º ano); “Sim, acho dança muito mais interessante que jogar (adoro dançar)” (Cindy, 3º ano); “Sim. Dança é um dos meus hobbies” (Márcia, 3º ano); “Gostaria sim, acho super legal” (Joana, 1º ano).

Outros alunos, seguindo a mesma linha de pensamento que apresentaram quando responderam a questão sobre capoeira e lutas, aceitam a dança para praticarem atividades novas. “Sim, pois temos um meio diferente de se movimentar que é legal e também ficar jogando as mesmas coisas se torna monótona, chato. (Ana, 1º ano)¹²; “sim, pois assim não ficava sempre na mesma” (William, 2º ano); “Sim, gosto de atividades novas” (Vera, 3º ano); “Sim, as pessoas tem que aprender outros esportes” (Rosangela, 3º ano).

Outra justificativa muito presente entre os alunos, diz que a dança pode trazer ganhos, desde motores, até social, já que alguns disseram que gostariam porque querem aprender a dançar. As respostas são as seguintes: “Sim, para aprender novas danças” (Rafaela, 3º ano); “Seria bom, apesar de eu não saber dançar muito bem” (Paulo Ricardo, 2º ano); “Sim, não sei dançar muito bem” (Jonathan, 2º ano); “Sim, estimula a coordenação motora” (Maurício, 2º ano); “Sim, é bom para desenvoltura do corpo, sendo uma aula diferente e divertida” (Franciele, 2º ano); “Sim, melhor desempenho em atividades” (Paula, 2º ano); “Sim, para trabalhar movimentos do corpo” (Andréia, 2º ano); “Sim, gostaria muito, pois a dança mexe também com os sentidos” (Milene, 3º ano); “Sim, para ter mais flexibilidade” (Augusto, 3º ano); “Sim, porque também é um exercício” (Sabrina, 3º ano). “Sim, quanto + (sic) aprendizado, + (sic) você aprende” (Carla, 3º ano). Todos esses alunos, em comum, tiveram a opinião de que as aulas de dança poderiam trazer um benefício, um ganho, um aprendizado para os alunos. Alguns citam ganhos motores, como a flexibilidade, coordenação motora e outras, e os demais alunos citam que poderiam aprender a dançar, ou melhorar na dança.

Ao final desta questão, temos algumas observações: Dos 18 meninos que participam da pesquisa, um respondeu talvez com relação à existência de aulas de

¹² A aluna Ana respondeu na questão da dança o seguinte: “Sim, pelo mesmo motivo que a anterior” Para facilitar a compreensão do leitor, nos casos em que acontecer algo parecido, ou seja, o aluno responder uma questão dizendo que a justificativa está na questão anterior, irei repetir a resposta para facilitar a compreensão.

dança. 5 alunos disseram que sim, e 10 alunos disseram que não, lembrando que um desses disse que só gostaria de aula de street. Com relação às meninas, uma disse não saber e outra disse ser indiferente. As demais, 20 disseram que sim e 16 disseram que não. Fica claro que há uma relação de gênero nesta questão. Percebemos isso ao ver que a maioria das alunas são favoráveis às aulas de dança, e fica mais perceptível ainda quando vemos que os alunos que não gostariam destas aulas são representados pelo dobro dos alunos que as aceitariam. Se retornarmos à discussão teórica, veremos que Ana Paula PINHEIRO (1998) nos diz existir preconceito por parte dos alunos para as aulas de dança, na pesquisa realizada por esta autora. Percebemos que nesta minha realidade, neste colégio analisado, a resistência continua. Apesar de alguns alunos aceitarem estas aulas, a grande maioria não gostaria, e apesar de apenas um aluno ter se referido de forma mais forte, dizendo ser “meio gay”, os demais alunos, também podem considerar que dançar é “coisa de menina”.

A questão das brincadeiras e jogos também obteve uma igualdade muito grande nas respostas dos alunos. É importante frisar, que alguns alunos compreenderam os jogos, aqui mencionados, como a prática esportiva de esportes, pois como já disse anteriormente, muitos alunos entendem o praticar esporte como um jogar bola. Outros ainda consideraram os jogos simplesmente como jogos de tabuleiro, e estes jogos de tabuleiro, para eles, são essencialmente o xadrez e a dama.

Abaixo temos o quadro que representa a opinião dos alunos com relação aos jogos e brincadeiras. Se gostariam ou não de terem estas atividades nas aulas.

QUADRO 6 – OPINIÃO DOS ALUNOS COM RELAÇÃO ÀS BRINCADEIRAS E JOGOS

Resposta dos alunos	Incidência das respostas
Sim	28
Não	24
Não sabe/Não respondeu	2

Nas respostas favoráveis, alguns alunos não justificaram sua resposta, ou não foram muito incisivos na sua defesa. “Sim” (Augusto, 3º ano); “Sim, porque é mais legal” (Silvana, 1º ano); “Sim, é legal” (Carla, 3º ano); “Sim, quando chove” (Milene, 3º ano); “Sim, alguns tipos” (Vera, 3º ano).

Mas a grande maioria de respostas obtidas, é relacionada à diversidade nas aulas, para sair da rotina. “Sim, porque algo mais é sempre bom, seria divertido” (Leandro); “Sim, para sair da rotina” (Jackeline, 2º ano); “Sim, para mudar um pouco a rotina” (Rafaela, 3º ano); “Sim, sair da rotina” (Paula, 2º ano); “Sim, pela variedade” (Jonathan, 2º ano); “Sim, para mudar a rotina” (Patrícia, 2º ano); “Sei lá, acho que sim para distrair um pouco não ficar só na mesma coisa” (Marcela, 3º ano); “Claro, para ficar diferente de vez em quando” (Guilherme, 1º ano); “De vez em quando uma coisa diferente cairia bem, como gincanas, travessuras (sic)” (Rita, 1º ano); “Sim, uma atividade a mais” (Roberson, 1º ano); “Sim, para ficar bem diversificada as aulas” (Isabella, 3º ano); “Sim, para variar as aulas e para uma maior interação dos alunos” (Márcia, 3º ano); “Sim, a aula se torna diferente, fazendo com que sai da rotina” (Renata, 3º ano); “Gostaria, porque seria uma atividade diferente” (Joana, 1º ano); “Sim, pois assim não ficava sempre na mesma” (William, 2º ano).

Fica visível a vontade de boa parte dos alunos em ter alguma modificação nas aulas. Muitos desses alunos podem nem saber direito o que será trabalhado caso seja utilizada uma maior quantidade de aulas desse caráter, mas pelas respostas dele, uma mudança é interessante para eles.

Tivemos ainda respostas que falam em ganhos para os alunos: “Desde que tenham fundamento na Educação sim. Pois eles ajudariam a melhorar a lógica e aquelas coisas todas” (Otávio, 1º ano); “Sim, porque é legal e pode estimular muitas coisas, como os reflexos pessoais” (Edgar, 2º ano); “Sim para motivar o raciocínio lógico, necessitado por outras disciplinas” (Michelle, 2º ano).

E algumas outras respostas surgiram: “Seria legal, pois não posso fazer exercícios bruscos” (Cristina, 3º ano). “Sim, porque nos pouparia de correr e praticar esportes que a gente não gosta” (Mariana, 1º ano). Essas duas alunas estão optando pelos jogos e brincadeiras pelo fato de que essas são atividades mais simples, não tão cansativas como os esportes.

“Sim, porque é bom lembrar o passado” (Regina, 2º ano). Essa foi a única aluna que relacionou a existência das brincadeiras, como uma forma de vivenciar atividades que eram realizadas na infância. Infelizmente, nossos jovens anseiam por se tornarem adultos, uma vez que são tratados como mini-adultos, eles não vêem a hora de se tornarem adultos de verdade, e tudo que os possibilite a lembrança, ou a vivência de um passado, é encarado como uma infantilização desnecessária por parte deles. Há uma banalização sobre o ser criança e o realizar atividades de crianças, quando se é jovem. É uma triste realidade da sociedade brasileira.

“Sim, seria mais divertido, mais gente participaria” (Jéssica, 2º ano). Apesar dessa aluna acreditar ser mais divertido, a maioria dos alunos não pensa dessa forma, como veremos adiante.

Em se tratando do não às aulas de jogos e brincadeiras, alguns responderam sem muitas justificativas: “Não” (Fernanda, 2º ano, Igor, 1º ano, Bianca, 2º ano); “Não, porque não” (Robson, 1º ano); “Não, está bom assim” (Mauricio, 2º ano); “Não, talvez não seria necessário” (Andréia, 2º ano).

Outros responderam apenas não gostar do que foi proposto: “Não (não gosto de jogos)” (Cindy, 3º ano); “Não, já não gosto de damas e xadrez, brincadeiras vai ser pior” (Silvia, 2º ano). Ora, por que seria pior? Primeiramente, qual a relação existente entre brincadeiras e o xadrez e damas? E por que será que ela afirma de forma tão contundente que seria muito pior ter brincadeiras? Será que esta aluna sabe do que se refere estas brincadeiras e jogos?

Alguns achariam chato: “Não, porque é muito chato” (Ricardo, 2º ano); “Não, não sei porque, mas eu acho que iria ser muito chato e infantil” (Paulo, 2º ano). Tivemos outros duas alunas que acreditam ser necessárias apenas as aulas de lutas: “Não, porque é bem vindo as aulas de lutas” (Isabel, 3º ano); “Não, já basta as aulas de lutas” (Ana, 1º ano)

Uma grande parte de alunos afirmou ser contrário a esta idéia pois os esportes são o principio da educação física e eles é que devem vigorar nas aulas: “Não, acho que os esportes que praticamos já é o suficiente” (Talita, 3º ano); “Não, prefiro só os esportes” (Rosane, 3º ano); “Não, eu gosto mesmo é de praticar esportes” (Lindamir, 1º ano); “Não, apenas esportes” (Rosangela, 3º ano); “Não, gosto de seriedade com os esportes” (Franciele, 2º ano). Ora, apesar de

percebermos que existem alunos dispostos a novidades nas aulas de educação física, sabemos também que grande parte destes querem só os esportes. E mais, ainda pedem seriedade nos esportes! Que seriedade? Seriedade é o professor soltar a bola e deixar os alunos realizarem sua prática? Essa prática é séria? Porque não é possível realizar atividades lúdicas com os alunos, que tenham outra finalidade, que não sejam os esportes?

Outra observação que merece destaque é o fato das preferências pelo esporte serem todas de alunas. É contraditório este fato, uma vez que acreditamos que na maioria são os alunos que preferem os esportes, mas em se tratando do dualismo esportes X brincadeiras, somente meninas opinaram que não gostariam de brincadeiras e jogos pois os esportes são suficientes.

Para outras duas alunas, ficou a impressão de que os jogos aqui mencionados tratam da prática de atividades esportivas. Estas afirmam: “Poderia ter competições dos esportes trabalhados” (Juliana, 2º ano); “Jogo já tem, e é bom porque aprende um pouco, sobre esportes” (Vivian, 3º ano).

Tivemos as demais respostas: “Não, aulas práticas são melhores” (Rubens, 2º ano). Mas as brincadeiras e os jogos propostos também podem ser práticos, algo que na minha opinião seria a maioria.

“Talvez até a 8ª série. A partir do Ensino Médio deveria ser algo que mostrasse como é a faculdade, por exemplo, já que o vestibular está próximo” (Paulo Ricardo, 2º ano). Faz sentido o aluno solicitar algo que mostre um pouco sobre a vida acadêmica, isso não só na Educação Física, mas em todas as disciplinas escolares, mas o porque aulas de brincadeiras e jogos somente até a 8ª série? Por que não podemos utilizá-las momentaneamente nas nossas aulas?

Jefferson do 1º ano afirma: “Não tem nada a ver com a Educação Física”. Não, realmente não tem nada a ver com a Educação Física que está presente nas nossas escolas, mas será que não poderia ter? Não estamos realizando atividades físicas? Não estamos trabalhando o raciocínio dos nossos alunos? Não estamos estimulando-os, e de uma forma lúdica, o que torna mais prazeroso? Não estamos proporcionando sociabilização e integração entre os alunos? Então será que não tem nada a ver com a Educação Física mesmo?

Por fim, Alessandra nos diz: “Não, é muito chato jogar dama, xadrez, é todo mundo burro. É mais massa no computador” essa aluna é a mesma que, na questão sobre o que deveria ter nas aulas de Educação Física, nos respondeu futebol americano, beisebol e jogos no computador. Fica claro que essa aluna tem uma certa dependência do computador para sua vida. Dentre as respostas de todas as perguntas, para todos os alunos, nenhum, em momento algum citou algo sobre computador. Apenas essa aluna, que em duas respostas manifestou desejo por jogos no computador.

Percebemos então, que apesar de haver uma grande incidência de opiniões voltadas para o não, estes tiveram mais dificuldade em afirmar o porque estariam optando por essa recusa. A maior parte acabou justificando em razão da preferência pelas praticas esportivas. Já a grande maioria dos alunos que responderam a favor dessas práticas, a justificaram dizendo que seriam importantes para trazer mudanças para as aulas de Educação Física, que estão muito monótonas da forma atual.

Ao final de mais um bloco de análise, temos que os alunos propuseram, mudanças para as aulas de Educação Física. Relacionada à questão das lutas e capoeira, a grande maioria dos alunos aprova a existência destas práticas no âmbito escolar. Já as danças e as brincadeiras e jogos geram uma dificuldade muito grande em se obter uma clara idéia do que preferem os alunos, já que as respostas favoráveis e contrárias tiveram um número muito parecido de “votos”. Portanto, não é possível afirmar se os alunos gostariam ou não destas aulas, de um modo geral. Acredito que dependeria muito do professor, da forma como esse propusesse as atividades, da forma como ele administrasse as aulas, para conseguir trazer um maior número de adeptos, caso contrário, a rejeição aumentaria. Mas uma coisa é certa: o professor não teria facilidade em chegar na sala de aula e ministrar aulas de dança, ou brincadeiras. Deveria haver muito diálogo e uma excelente didática do professor para agradar a maior parte dos alunos.

4.4. BLOCO 4: QUESTÕES GERAIS.

No bloco 4, as seguintes questões estão englobadas:

1- Você acha que as aulas de Educação Física devem ser só práticas ou deve ter aulas teóricas também?

2- Qual a sua opinião sobre os espaços e materiais disponíveis no colégio para a prática das aulas de Educação Física?

3- Você acha que meninos e meninas podem fazer aula juntos? Por quê?

A importância destas questões se deve ao fato de que, todas elas, de uma maneira geral, representam alguma impossibilidade, ou dificuldade nas aulas de Educação Física. Por exemplo, o interesse dos alunos a favor ou não das aulas teóricas pode dificultar o trabalho do professor, assim como a falta de recursos materiais, e a não compreensão de que os alunos podem fazer aulas de forma mistas.

Então começaremos pelas aulas teóricas. Dos que afirmam querer só aulas práticas, as respostas são assim: “prática” (Jéssica, 2º ano, Jonathan, 2º ano). “Não, só práticas” (Sabrina, 3º ano, Mauricio, 2º ano).

A grande maioria respondeu da seguinte forma: “Só práticas” (Robson, 1º ano, Cristina, 3º ano, Vivian, 3º ano, William, 2º ano, Vera, 3º ano, Leandro, Silvana, 1º ano, Andréia, 2º ano, Rosangela, 3º ano, Carla, 3º ano, Marcela, 3º ano, Edgar, 2º ano, Igor, 1º ano, Lindamir, 1º ano, Ana, 1º ano).

“Só praticadas” (Isabella, 3º ano). “Praticadas” (Guilherme, 1º ano)

Outros responderam: “Acho que aulas práticas é melhor” (Mariana, 1º ano); “Apenas práticas” (Rafaela, 3º ano); “é melhor só prática” (Regina, 2º ano); “Com certeza só práticas” (Martha, 2º ano); “Deveria ter só práticas” (Augusto, 3º ano).

Todos esses alunos citados preferem ter aulas apenas práticas, mas eles não justificaram essa escolha. Alguns poucos buscaram uma justificativa: “Só práticas com o professor ensinando as regras durante o jogo” (Fernanda, 2º ano); “Na prática aprende a teoria” (Franciele, 2º ano); “Eu acho que na prática mesmo, pode ser abordado a matéria teórica” (Renata, 3º ano).

Dos que aceitam as aulas teóricas, alguns não justificaram essa opção: “Os dois” (Isabel, 3º ano, Roberta, 3º ano, Silvia, 2º ano); “Deve ser dividido entre os

dois” (Paulo, 2º ano); “os dois são essenciais” (Alessandra, 1º ano); “Teórica também” (Patrícia, 2º ano). “Além de serem um pouco chatas aulas teóricas devem existir” (Roberson, 1º ano).

Alguns alunos falaram das aulas teóricas, e que sua realização deveria ser mais ou menos freqüente: “Devia ter aulas teóricas uma vez por semana” (Joana, 1º ano); “As aulas teóricas devem existir, mas com menor freqüência” (Ricardo, 2º ano); “Se tivessem mais aulas por semana seria importante trabalhar a parte teórica” (Otávio, 1º ano). E Rubens do 2º ano, que disse ser essa uma alternativa para os dias de chuva: “Práticas e teóricas para saber mais sobre o que estamos fazendo. Teóricas só nos dias de chuva”. A idéia é boa, acredito que seria ótimo para alunos e professores, já que estes teriam a aceitação dos alunos para a realização de aulas teóricas, uma vez que a prática estaria impossibilitada. Mas o aluno se esquece, que na grande maioria, os professores montam aulas, preparam-nas, e não agem de improviso apenas quando está chovendo. Logicamente que quando os professores acreditam ser o momento de aplicar uma aula teórica, eles vão aplicar, independentemente do clima.

A maior parte das justificativas favoráveis à existência das aulas teóricas, vem em decorrência de que com a teoria se aprende a prática: “Devem ter aulas teóricas, pois ela nos ajudará a aperfeiçoar a prática” (Rosane, 3º ano); “Teórica e práticas. Devemos ter o conhecimento do porque estamos praticando tal atividade” (Márcia, 3º ano); “Pode ter aulas teóricas para aprendermos um pouco mais dos esportes que praticamos na aula” (Juliana, 2º ano); “Teóricas também, pra gente saber o que fazer nas aulas práticas” (Bianca, 2º ano); “Na minha opinião, deve-se ter aulas teóricas também, pois nas práticas desenvolvemos apenas a agilidade em determinados jogos.” (Talita, 3º ano); “Acho que é importante ter aula teórica para nós sabermos os fundamentos do que estamos praticando” (Jefferson, 1º ano); “Sim, pois devemos aprender também um pouco de teoria sobre os esportes” (Milene, 3º ano); “Eu acho que deveria ter as duas para testar o desempenho do aluno. Mas aulas práticas continuam boas” (Rita, 1º ano); “Devem ser equilibradas para saber jogar tem que entender o teórico” (Paula, 2º ano); “Nas escolas a prática deve prevalecer, mas deve haver teoria para melhor entender sobre a atividade que está sendo praticada” (Michelle, 2º ano). ”Gostaria que fossem mais teóricas. É difícil gravar ou entender

as regras de esportes que você não tem afinidade, por exemplo” (Paulo Ricardo, 2º ano). “Devem ter algumas aulas teóricas afinal, não adianta jogar algo que nem se tem noção de onde veio” (Yara, 3º ano).

Pode ser que nem tenha sido a intenção dela, mas esta foi a única aluna que relacionou as aulas teóricas com alguma idéia de origem, de história do esporte. Vale lembrar que esta é uma das alunas que afirmou não gostar de Educação Física no início do questionário. Além dela, temos Cindy do 3º ano, que foi outra que disse não gostar de Educação Física e respondeu da seguinte forma a questão sobre aulas teóricas: “para mim nenhuma das duas coisas me interessa”.

Então, percebemos que a maioria dos alunos preferem as aulas apenas práticas, mas não souberam justificar essa escolha. Alguns poucos a justificaram dizendo que o conteúdo tratado na teoria pode ser explicado na prática. Já os alunos que compreendem a necessidade das aulas teóricas, relacionam esta à compreensão do jogo, dos fundamentos, e às regras do esporte.

Temos com isso, que a idéia de aulas teóricas que possuem os alunos é de que estas servem para o professor explicar as regras do esporte. É isso que os alunos acham, e é isso que os professores passam!

Será que não podemos dar uma aula sobre história de determinado esporte? Isso cabe ser explicado no momento da prática? Será que não podemos dar uma aula sobre acontecimentos esportivos, como por exemplo o doping, ou morte de atletas? Ou ainda sobre as questões financeiras que envolvem o esporte de alto rendimento? Ou violência nos esportes? Sim, temos diversos assuntos que podem facilmente ser trabalhados com os alunos do Ensino Médio de forma teórica. E isso tudo sem sair da esfera esportiva, que é o interesse dos alunos! A dúvida que me surge nesse momento é: caso fosse trabalhado nas aulas teóricas não só as regras, mas também outros temas, que sabemos são de interesse dos alunos, estes não veriam com melhores olhos a existência das aulas teóricas?

Quando falamos de materiais e espaços da escola para a prática da Educação Física devemos ter muito cuidado ao analisar as respostas. Percebemos claramente isso ao notar a incongruência entre as respostas: “é boa” (Vivian, 3º ano); “ruins” (William, 2º ano); “espaço bom. Materiais ruins” (Jonathan, 2º ano); “é insuficiente os espaços, o material até que é adequado” (Cristina, 3º ano).

No colégio pesquisado, foi construída a pouco tempo, uma quadra poliesportiva, mas essa está mal localizada. Ao praticar alguma atividade nela, facilmente as bolas descem por um barranco ao final da quadra, que tem a proteção de uma pequena grade. Isso dificulta muito a atividade. Além do mais, esta quadra é de tamanho menor do que as quadras poliesportivas que geralmente existem. Com isso acontece o que a aluna Lindamir do 1º ano nos diz: “a quadra da escola a gente quase nem usa e os materiais estão em bom estado”. Portanto, a quadra do colégio é muito pouco utilizada nas aulas, sendo usada mais no intervalo dos alunos.

E já que não usam a quadra do colégio, as aulas de Educação Física ocorrem na praça, que é localizada em frente ao colégio, distante uns 100 metros. Na praça, existe uma cancha de futebol de areia, duas quadras de areia para a realização do vôlei, uma quadra poliesportiva, onde há aulas de basquete, handebol e futsal. Além disso, há um campo de futebol, de terra, com medidas oficiais, mas este não é utilizado nas aulas de Educação Física.

Mas a praça também não é excelente. Como nos diz Sabrina do 3º ano “São só ruínas nos dias de chuva, porque o lugar não fica adequado para aulas de educação física”. Ou Renata também do 3º ano: “Na minha opinião são precárias porque muitas vezes chove e as quadras ficam com poças e não dá para fazer a aula inteira, o correto seria fazer canchas na escola mesmo, mas de modo com que todos saiam ganhando, não só uma turma”. E Paulo Ricardo, do 2º ano diz: “Deixam a desejar, com certeza. Jogar futebol na areia é muito ruim”

Outro fato que desagrada os alunos é a necessidade de ter que ir até a praça: “Muito ruim, péssimo, temos que nos deslocar até a praça, e os materiais não são dos melhores” (Roberson, 1º ano); “é bom e é ruim, devia ser dentro do colégio para que nós não perdêssemos tempo até descer” (Alessandra, 1º ano)

Fica claro somente a insatisfação dos alunos em não ter um espaço dentro do colégio para a prática das aulas: “o espaço é muito pequeno e nem é dentro do colégio” (Carla, 3º ano); “Não são grandes mas, tem um espaço suficiente dentro o colégio (terreno) para apossar (sic) de umas quadras novas” (Andréia, 2º ano); “Não é boa. Deveria ter quadras dentro do colégio com todo o espaço vago que tem” (Franciele, 2º ano)”. Realmente, existe um espaço bom no colégio onde até poderia ser construída mais uma quadra, que pela vontade dos alunos seria coberta: “Os

materiais são bons o espaço também, só precisava de uma quadra coberta” (Igor, 1º ano).

Baseado na minha observação, e buscando uma análise das respostas dos alunos, posso dizer o seguinte: A praça onde são realizadas as aulas possui um bom espaço, podendo ser utilizada até três quadras ao mesmo tempo, o que acarretaria uma não ociosidade por parte dos alunos. Mas realmente, nos dias posteriores à chuva intensa, criam-se possas e isso atrapalha muito sua prática. Já o espaço dentro do colégio, é bom também, mas não para a realização de práticas esportivas. A quadra que lá existe é pequena e mal localizada, dificultando o trabalho do professor. Mas pode-se, já que não há outra boa solução no momento, realizar as aulas de prática esportiva na praça, apesar da insatisfação dos alunos com o fato de descerem até a praça, e utilizar o espaço dentro do colégio (não apenas a quadra) para outras atividades, caso essas não sejam relacionadas com a prática esportiva habitual. Então, fechamos com o que diz a aluna Joana do 1º ano, que acredito ser a melhor compreensão para a situação: “Não são dos melhores, mas dá para termos uma Educação Física adequada”.

E quando o assunto é aulas mistas, temos o seguinte: Alguns alunos acham que depende do esporte a ser praticado: “Não em casos, depende em outros” (Leandro); “Depende do esporte praticado” (Jonathan, 2º ano, Martha, 2º ano); “Acho que sim, menos no futebol e basquete, pois exige muita força física, e os meninos podem machucar as meninas” (Juliana, 2º ano); “Depende do esporte, no futebol eu acho que cada um deve fazer separado, pois os meninos possuem bem mais desenvoltura para a prática desse esporte” (Talita, 3º ano); “Depende dos esportes. Alguns acho que sim, pois aumenta o time e outros como o futebol não, porque eles não sabem jogar com calma” (Vera, 3º ano); “Depende do esporte e das pessoas pois tem meninas que são mais frágeis e correm o risco de se machucar” (William, 2º ano).

Dos contrários à prática mista, alguns não justificaram, ou não conseguiram explicar a sua posição. “Não” (Jackeline, 2º ano, Robson, 1º ano); “Jogar separados” (Bianca, 2º ano); “Não, pois os caras (sic) não conseguem acompanhar as minas (sic)” (Otávio, 1º ano).

Uma das justificativas é pelo fato de que os meninos acabam não passando a bola para as meninas. “Não. Os meninos não passam a bola para as meninas” (Rubens, 2º ano); “Não, os guris aproveitam que tem mais força física para isolar as garotas, sem contar que sempre acontece de um machucar o outro” (Paulo Ricardo, 2º ano); “Não, os garotos são mais fortes, e pelo fato de sermos meninas eles acham que não sabemos jogar nada” (Alessandra, 1º ano). Dos três alunos que viram a impossibilidade das aulas serem mistas pelo fato de que os meninos iriam excluir as meninas, dois eram meninos, o que mostra que a insatisfação e percepção desse fato também ocorrem por parte dos meninos, e não somente as meninas se sentem prejudicadas, já que acredito que grande parte delas pensa isso, mas preocuparam-se aqui em justificar suas respostas de outros modos, deixando um pouco relegada esta possibilidade.

Mas grande parte das justificativas é com relação ao fato de que os meninos por serem mais fortes acabam machucando as meninas. “Não porque os meninos são muito mais brutos e as meninas mais delicadas” (Cindy, 3º ano); “Eu acho que menina com menina, e menino com menino. Fazer aulas com os garotos é muito ruim, porque eles têm mais força e no jogo de corpo você perde e pode até acabar se machucando. (Renata, 3º ano); “Não, pois os meninos são mais fortes e podem machucar as meninas” (Milene, 3º ano); “Não, pois alguns meninos podem machucar as meninas” (Rosane, 3º ano, Jéssica, 2º ano); “Não porque os meninos são mais fortes e atacam a bola muito forte” (Mariana, 1º ano); “Não, porque os piás são muito agressivos e nos machucam” (Silvana, 1º ano). O fato curioso neste momento é percebermos que nenhum menino relacionou a impossibilidade de aulas mistas com a possibilidade de haver algum tipo de lesão. Portanto, duas possibilidades surgem para a ausência de citações deste tipo pelos meninos: ou eles não percebem que podem machucar as meninas; ou isso ocorre com muito pouca frequência.

E o fator força física também foi lembrado: “Não, porque cada um tem uma força diferente” (Isabel, 3º ano); “Não, porque tem desempenho diferente, e força também” (Paula, 2º ano); “Não, pois a condição física não é a mesma” (Ana, 1º ano); “Não, pela forma física” (Roberson, 1º ano). Por fim, a aluna Silvia, do 2º ano, justificou de uma outra maneira: “Não, porque pra jogar junto só dá confusão”.

Portanto, temos que apenas quatro, das vinte e seis respostas contrárias às aulas mistas partindo dos meninos. Isso deixa claro que a insatisfação e insegurança para a prática de aulas mistas surgem muito mais forte por parte das meninas do que dos meninos.

Alguns alunos não perceberam nenhuma impossibilidade, para que a prática de Educação Física seja feita por meninos e meninas. “Sim” (Rosangela, 3º ano); “Podem, porque sim” (Jefferson, 1º ano); “Sim, não tem nenhum problema” (Sabrina, 3º ano); “é claro que sim, porque deveria separar?” (Franciele, 2º ano); “Sim, não há a necessidade de separar” (Andréia, 2º ano).

Outros acreditam não haver diferenças entre meninos e meninas e que eles possuem os mesmos direitos: “Sim. Porque não existe diferença” (Isabella, 3º ano); “Sim, não existe diferença entre os dois” (Patrícia, 2º ano); “Sim, temos os mesmos direitos” (Igor, 1º ano); “Sim, igualdade para todos” (Mauricio, 2º ano, Ricardo, 2º ano); “Sim, todos temos o direito de aprender” (Fernanda, 2º ano); “Podem porque seria um conhecimento a mais para as meninas e meninos” (Joana, 1º ano).

Outros alunos relacionaram a questão da amizade, a convivência diária e até que pode ser mais divertido, para responderem o porque são a favor de aulas mistas: “Sim, porque não tem nada se somos todos amigos” (Carla, 3º ano); “Sim, porque nós estudamos todos juntos e porque não fazemos os esportes?” (Regina, 2º ano); “Podem, porque temos que saber vivermos juntos, separados não teria graça” (Rita, 1º ano); “Sim e devem porque assim o time fica mais agitado” (Roberta, 3º ano); “Acho que sim, fica mais divertido” (Marcela, 3º ano); “Sim, seria mais divertido” (Guilherme, 1º ano).

E a problemática do respeito também surgiu: “Sim, porque todos respeitam uns aos outros” (Rafaela, 3º ano); “Sem problemas, desde que se respeitem” (Yara, 3º ano); “Sim, havendo respeito entre ambas as partes” (Michelle, 2º ano); “Sim, desde que haja respeito” (Lindamir, 1º ano). O bom destas respostas envolvendo o respeito é que todas foram a favor das aulas mistas. Nenhum aluno disse ser inviável as aulas mistas por haver uma falta de respeito, isso mostra que os alunos, em grande parte, parecem respeitar as semelhanças e diferenças entre os sexos.

Márcia do 3º ano nos diz que isso pode ser um estímulo a mais para poder se testar os limites. “Com certeza. Não há porque fazer aulas separados. Assim podemos conhecer melhor nossos limites”.

Augusto, do 3º ano nos lembra de uma situação inusitada que vive o 3º ano do colégio pesquisado. “Sim, porque em nossa sala só tem três meninos”. Esse fato impossibilita a realização aulas separadas nesta turma.

Cristina do 3º ano nos diz que a união de qualidades entre os sexos pode favorecer nas aulas: “Sim, os jogos mistos tornam a aula mais emocionante, ou seja, a rapidez dos meninos com a delicadeza das meninas”. Já Vivian, também do 3º lembra do companheirismo dos três colegas: “Sim, porque os meninos ajudam as meninas nos jogos”. Edgar do 2º ano valoriza o futebol das colegas: “Sim, porque tem meninas que jogam futebol melhor que eu”.

Então, percebemos que os alunos são adeptos em sua maioria à realização de aulas mistas. Uma parte das meninas se posicionou contrárias pelo fato de que os meninos são mais fortes e podem acabar machucando-as. Mas a maioria dos alunos acredita ser possível a realização junta, que estes têm os mesmos direitos, e que não existem para os alunos, diferenças entre meninos e meninas,. Ou melhor, as diferenças existem sim, e todos sabemos disso, mas há um respeito entre os eles com relação a estas diferenças.

Foi falado também sobre a questão da amizade, do respeito, e da convivência em outras matérias e que tudo isso mostra a disposição para aulas mistas também nas aulas de Educação Física.

Acredito ser necessário, apesar de tudo, fazer uma última observação: O fato de apenas três alunos do sexo masculino estarem estudando no 3º ano deste colégio, pode mudar um pouco a visão das alunas desta turma com relação à prática mista, uma vez que não existe a possibilidade deles jogarem separados. Os alunos desta turma, como percebi na observação, jogam só por jogar, não se esforçando, e quase nunca marcando gols, sempre fazendo um passe para uma das companheiras de equipe marcar. Se existisse um número maior de meninos nesta turma, poderia acontecer de algumas meninas mudarem um pouco de posição, mas repito que acredito que seriam algumas, e não a maioria.

4.5. BLOCO 5: IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

No bloco 5, a seguinte questão está englobada: Para você, qual a importância das aulas de Educação Física na escola?

O objetivo desta pergunta é tentar perceber o que os alunos vêm de significativo na existência das aulas de Educação Física, qual a justificativa que estes dão para que haja aulas de Educação Física.

Algumas respostas um tanto quanto confusas surgiram: “A importância é que os alunos aprendem a desenvolver cada vez mais” (Augusto, 3º ano). O aluno citado não explicou o que os alunos estarão aprendendo a desenvolver, e isso torna mais difícil a compreensão da idéia dele. “As aulas de Educação Física são de extrema importância na escola, para agilizarmos o nosso corpo” (Isabella, 3º ano). Qual o significado da palavra agilizar que a aluna tenta utilizar?

A aluna Joana do 1º ano fez uma crítica aos espaços do colégio: “Para mim é muito importante a prática de exercícios físicos, e no colégio nós temos um espaço pequeno para isso”. O que devemos tentar perceber é se a aluna está criticando o espaço físico do colégio ou o espaço destinado para as aulas de Educação Física, ou seja, a carga horária da disciplina.

E para Guilherme, do 1º ano, a importância da Educação Física é também para evitar que se tenha uma outra aula: “Para desenvolver melhor os movimentos do corpo e para que tenha Educação Física no lugar de outra aula chata”.

Começaremos agora a observar respostas que abordam uma idéia parecida. Tivemos alguns alunos que disseram não ter importância as aulas de Educação Física: “Não tem importância” (Andréia, 2º ano); “Para mim nenhuma. Para ser sincera odeio fazer Educação Física” (Cindy, 3º ano); “Não tem importância nenhuma. Faço exercícios físicos fora do colégio” (Franciele, 2º ano). A aluna citada mostra sua insatisfação e diz não servir para nada, apesar de que ela justifica que faz exercícios físicos fora da escola, portanto, podemos considerar essa como uma justificativa, apesar de que esta aluna não tira nenhum proveito desta aula.

“Nenhuma, pois se alguém quer praticar esporte procura alguma Rua da Cidadania¹³ ou coisa parecida, e se alguém quer praticar exercícios procura uma academia ou sai caminhar” (Mariana, 1º ano). Ora, se o aluno quiser praticar esporte ele pode sim buscar uma Rua da Cidadania, mas corre o risco de não conseguir horários disponíveis, ou pessoas com quem ele tenha um contato, que sejam seus amigos, o que torna a atividade mais prazerosa. Além disso, pode não conseguir pessoas da mesma faixa etária, o que pode dificultar a sua participação. Com relação à academia para a prática de exercícios, também é uma alternativa, mas sabemos que boa parte dos alunos de escola pública não possui condições financeiras para pagar a mensalidade de uma academia de ginástica, mas sabemos que estes cidadãos também têm o direito à prática de exercícios físicos. E a caminhada tem uma justificativa que vale para os demais também. Sabemos da importância do acompanhamento de um profissional de **educação física** na prática regular de atividades físicas, o que não existe nas caminhadas livres e nem nas Ruas da Cidadania.

Alguns alunos acreditam que a importância da Educação Física é a fuga do sedentarismo e a prática de algum tipo de exercício físico: “Fugir do sedentarismo” (Martha, 2º ano); “Trabalhar o nosso corpo, para não sermos tão sedentários” (Juliana, 2º ano); “é importante, pois ajuda a evitar o sedentarismo” (Rosane, 3º ano); “A importância de exercitar o corpo. Pois a maioria dos alunos não faz nada disso fora do colégio” (Otávio, 1º ano).

Correlacionado com a ideia do sedentarismo está a da saúde, muito citado pelos alunos: “Os alunos não têm uma vida sedentária, nós perdemos a preguiça, temos mais disposição e é muito importante para nossa saúde e bem-estar” (Ana, 1º ano); “é exercício e faz bem pra saúde” (Silvia, 2º ano); “Aprender a trabalhar com o corpo fazendo bons exercícios para a saúde” (Cristina, 3º ano); “Para ter uma saúde melhor. Sair da sala e aquecer o corpo” (Silvana, 1º ano); “Ajuda no nosso

¹³Na cidade de Curitiba, ao lado de alguns terminais de ônibus existem as chamadas Ruas da Cidadania, onde há alguns postos de atendimento para a população. Estes postos vão desde serviços das empresas de luz e água, até biblioteca, bancas de jornais e alguns comércios em geral. Na maioria destas Ruas da Cidadania, existem quadras poliesportivas abertas à comunidade, e algumas delas funcionam com a marcação de horários.

desenvolvimento, e são exercícios que beneficiam a nossa saúde” (Sabrina, 3º ano); “Bastante, Educação Física é importante para que todos achem uma atividade que gostem para praticar ao decorrer de sua vida, para uma melhor saúde” (Jefferson, 1º ano); “é muito bom para o corpo e faz bem para nossa saúde” (Paula, 2º ano).

Outra palavra utilizada e quer dizer algo semelhante com a idéia de saúde é qualidade de vida: “Bom para a qualidade de vida” (Jackeline, 2º ano); “boa para a qualidade de vida nossa, porque tem gente que só faz na escola exercícios físicos” (Rubens, 2º ano); “para o preparo físico, e para melhorar a qualidade de vida” (Lindamir, 1º ano). O que será que estes alunos entendem por qualidade de vida? Será que jogar bola duas vezes por semana é qualidade de vida? Ou mesmo se tivermos outros tipos de aulas, estaremos propiciando qualidade de vida para nossos alunos? A mesma pergunta é válida para a saúde. Será que jogar bola duas vezes por semana é fundamental para a saúde de nossos alunos? Ou mesmo se tivéssemos outros conteúdos nas aulas, será que estas trariam saúde aos nossos alunos? Portanto, acredito que destas questões podemos estruturar uma grande questão a ser estudada: podemos falar de qualidade de vida e saúde para os nossos alunos, em decorrência das aulas de Educação Física? Acredito ser esta uma questão muito complexa e que não existe a possibilidade de tentar respondê-la neste momento, pois seria necessário um aprofundamento na pesquisa empírica e no referencial teórico.

A idéia do preparo físico também surge em algumas respostas: “Para melhor preparo físico (sic)” (Robson 1º ano); “Manter a condição física da pessoa” (Alessandra, 1º ano); “é bom pra se exercitar um pouco, para não ficar um dia inteiro sentado em uma cadeira” (Vivian, 3º ano); “é importante para o desenvolvimento corporal e para saber algumas coisas mais” (Isabel, 3º ano); “Estimula a prática de exercícios físicos para melhor desenvolvimento de habilidades, condição física melhor, etc.” (Ricardo, 2º ano); “Bom preparo físico, descobrir desempenho, habilidade etc.” (Leandro).

E muitos alunos ligam a Educação Física à prática de esportes: “Um incentivo desde pequeno à praticar esportes” (Rafaela, 3º ano); “Incentivar os alunos a praticar esportes” (Rosângela, 3º ano, Marcela, 3º ano); “Para ser uma aula diferenciada e para incentivar os esportes e as atividades físicas” (Michelle, 2º ano);

“Te deixar em forma e lhe dar mais conhecimento sobre o esporte” (Paulo, 2º ano); “Na aquisição (sic) de melhores habilidades esportivas” (Edgar, 2º ano); “Acostumar a praticar cada vez mais os esportes” (Jonathan, 2º ano); “Para desenvolver a coordenação, para estimular a esportividade entre as pessoas” (Mauricio, 2º ano); “O esporte é muito bom para o nosso físico” (Carla, 3º ano). É interessante observar que ocorre, como na citação acima, de alguns alunos até confundirem a Educação Física com o esporte, tanto que a esta aluna não fala da importância da Educação Física na escola, e sim, da importância que tem para ela o esporte na escola.

E Igor do 1º ano vai ainda mais longe e nos diz: “Para revelar novos talentos”. Não podemos nos esquecer que até pouco tempo atrás esta era (ou ainda será?) a justificativa da Educação Física nas escolas: A descoberta de novos talentos esportivos. Então, será que como nos diz este aluno, este ainda não é o objetivo da Educação Física? Pelo menos para alguns alunos e principalmente professores, eu acredito que sim.

Mas uma visão um pouco diferente possui os alunos que justificam como um momento de fuga do tédio, de diversão e relaxamento: “Para sair do tédio das outras aulas” (Roberson, 1º ano); “Divertimento, esfriar a cabeça, não deixar o corpo enferrujar” (Jéssica, 2º ano); “é um momento de descontração e para quem não pratica esporte é muito importante” (Paulo Ricardo, 2º ano); “Ajuda a desenvolver a pessoa, e ainda distrai um pouco e tira a rotina da sala de aula” (Vera, 3º ano); “Descontrai um pouco a rotina de ficar na sala” (William, 2º ano); “Sei lá, eu acho que a aula de Educação Física é só para os alunos relaxarem. Ta, vale nota mas é fácil de passar” (Regina, 2º ano). Essa aluna expressa bem o que é a visão de muitos alunos. A Educação Física serve para relaxar, descontrair um pouco, sair da rotina como outros disseram, mas todos sabem que essa é uma disciplina que não reprova por si só e portanto não há essa preocupação por parte dos alunos de terem que “estudar” para passar de ano, o que acontece com outras matérias.

A aluna Yara do 3º ano ainda faz uma dura crítica: “Movimentar os alunos, fazer se exercitar, e descontrair (o que não acontece, não tem como se descontrair sendo obrigado a jogar!)”.

E essa visão de muitos alunos, justificando a inserção da Educação Física nos currículos escolares para promover uma diversão, sair da rotina, vai de encontro

ao que foi tratado no capítulo 2. deste trabalho. Muitos alunos, professores, e membros da comunidade escolar em geral acreditam que a Educação Física serve apenas para lazer e diversão.

E tivemos ainda alunos que comentaram sobre o dualismo corpo e mente: “O desenvolvimento do corpo e da mente” (Milene, 3º ano); “A aula de Educação Física na minha opinião é a melhor, faz bem para o corpo e para a mente” (Renata, 3º ano); “movimentação do corpo, desenvolvimento da mente e trabalho em grupo” (Patrícia, 2º ano¹⁴). É interessante percebermos que esta aluna foi a única que teve esse olhar para o grupo. Apesar das aulas serem compostas por esportes coletivos, são poucos os que percebem a “existência de um grupo” nas aulas de Educação Física, colocando suas idéias visando sempre o individual. Ainda sobre corpo e mente: “Um bom desempenho com o corpo. Para estimular o estudo. Estimular a mente do aluno” (Rita, 1º ano)

Por fim, a citação da aluna Márcia, do 3º ano, que conseguiu explicitar muito bem sua idéia, e que podemos considerar como um boa justificativa para a importância das aulas de Educação Física. “Nós jovens precisamos de atividades físicas regulares, para uma melhor vida social. É bom para o corpo e para a mente. Com ambos bem cuidados, saberemos como lidar com as dificuldades interiores e exteriores”.

Contudo, chegamos à conclusão de que não há consenso. É muito complicado tentar classificar as respostas dos alunos nesta questão, uma vez que há a existência de muitas respostas diferentes, mas que ao mesmo tempo se completam. É diferente quando fazemos uma pergunta para o aluno e diz se ele quer isso ou aquilo, se isto é bom ou ruim, do que quando perguntamos qual a importância das aulas de Educação Física. Tivemos diversos alunos que a justificaram como incentivo ao esporte, outros como uma opção contra o sedentarismo, outros como um momento de diversão, de sair da rotina, e outros ainda que disseram que faz bem ao corpo e à mente. Agora, quais destes alunos têm razão? Acredito que todos. Todos, com sua forma de pensar, têm um motivo

¹⁴ Vale lembrar que na pergunta 1: o que é trabalhado nas aulas de educação física, ela já havia dito sobre divisão em grupos.

que justifique a importância da Educação Física. Por mais que alguns disseram que não tem importância nenhuma, estes sabem que pode não ter para eles, mas para a grande maioria tem, e isso, por si só, já é uma justificativa. Portanto, não vou aqui dizer que este está certo ou aquele está errado com sua visão de Educação Física. Quero apenas afirmar que na minha visão, todos têm razão. Acho que as idéias por mais que diferentes, acabam se completando, e isso tudo determina a importância da Educação Física na escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início destas considerações finais, o que posso afirmar é não ter encontrado um consenso sobre a opinião dos alunos em relação às aulas de Educação Física. Mas apesar de não ter um consenso, algumas observações podem ser feitas.

Percebemos claramente que na realidade do colégio pesquisado, os conteúdos dominantes são os quatro esportes mais tradicionais. A professora da turma realiza um breve alongamento/aquecimento com seus alunos e estes partem para a prática esportiva. Nos dias de chuva, as aulas são na sala e compostas geralmente pela prática do xadrez. Mas será que esta é uma realidade específica desta escola? Acredito que não. Acredito que em boa parte dos colégios, principalmente da rede pública, os conteúdos trabalhados na Educação Física são: Futebol, vôlei, basquete e handebol. Está questão remete ao que foi discutido no segundo capítulo deste trabalho

E ainda em se tratando de conteúdos da Educação Física, fica claro que os esportes mais tradicionais não são os conteúdos exclusivos apenas no Ensino Médio. Eles vêm desde a 5ª série, pelo menos. Portanto, os conteúdos se repetem, as práticas se repetem, e isso impossibilita uma “evolução” da Educação Física. Ou será que é tão importante que os alunos “treinem” a bandeja do basquete, ou o saque do vôlei, da 5ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio? Já no ensino de 1ª a 4ª série, os conteúdos que predominam são as brincadeiras infantis e o jogo de queima, ou caçador.

Outro tópico aqui tratado na revisão de literatura que tem indícios de confirmação quando observamos as respostas dos alunos é fato de que muitos acreditam ser a Educação Física um momento de liberdade, de diversão, de fuga da sala de aula. Ficou claro que muitos alunos assim consideram a Educação Física, como um momento de descontração, de sair da rotina. A Educação Física tem sim uma especificidade que é o fato de ser realizada, na maioria das vezes, fora da sala de aula, diferentemente do que ocorre com as demais matérias. Mas precisamos ter

cuidado justamente para não deixar a Educação Física cair em descrédito por este fato. Acredito que a única forma de mudar a opinião de alunos e demais integrantes da comunidade escolar sobre a Educação Física, depende da intervenção do professor. A partir do momento que os professores de Educação Física estiverem “exigindo” de seus alunos da mesma forma que os outros professores o fazem, quando o professor estiver lecionando, como os outros professores fazem, ou seja, quando os professores de Educação Física buscarem uma credibilidade para a disciplina, através de novos conteúdos trabalhados, que mostrem a importância da Educação Física, aí sim os demais envolvidos com a comunidade escolar terão um entendimento maior sobre a importância desta, não apenas que ela traz diversão e descontração para os alunos.

Analisei ainda na revisão de literatura, algumas questões de gênero. Temos que a professora Ana Paula PINHEIRO (1998), realizou uma pesquisa envolvendo a presença da dança na escola. Ela nos passa que os alunos têm preconceito com relação à dança sim. E foi visível isto na nossa realidade também. Existe ainda uma certa aversão por parte dos meninos quando tratamos de aulas de dança. Mas por que isso acontece? Acredito ser algo cultural, histórico, onde os adultos, muitas vezes passam para seus filhos que os meninos têm que jogar bola e as meninas fazer balé. Isso é algo que fica evidente, principalmente em algumas escolas de Educação Infantil, onde os meninos fazem judô, ou futebol e as meninas balé. Quando estão na adolescência, os alunos estão em um período de provação, de auto-afirmação, e acredito ser este mais um motivo que dificulta a inserção do conteúdo dança. Mas a professora, em sua pesquisa observou resultados do professor que conseguiu trabalhar a dança em sua realidade específica. No caso do colégio por mim pesquisado, percebemos que há resistência, mas acredito ser possível a realização de aulas de dança, principalmente se o professor da turma conseguir mostrar para os alunos os objetivos que ele tem ao levar aulas de dança para a escola.

E existe um preconceito também quando são propostos jogos e brincadeiras para os alunos. Grande parte dos alunos pesquisados mostraram maior inclinação para a prática esportiva. Aliás, muitos alunos confundem os jogos, com a prática

esportiva. Grande parte dos alunos responderam que já tem jogos nas aulas de Educação Física. E relacionado às brincadeiras, alguns alunos afirmaram que estas seriam muito infantis para serem trabalhadas no Ensino Médio. Ora, mas será que não seria possível utilizar brincadeiras de caráter adolescente, como por exemplo, uma atividade de mímica? Ou mesmo brincadeiras infantis, com a finalidade de realizar um resgate da infância destes alunos? Mais uma vez a figura do professor seria essencial neste momento. Ele é quem poderia, através de muito diálogo e explicações aos alunos, convencê-los da importância destas atividades nas aulas de Educação Física.

Mas se a dança, e as brincadeiras e jogos nos trouxeram uma divisão muito grande nas respostas dos alunos, este fato não ocorre quando são propostas as lutas e a capoeira. Os alunos em sua grande maioria disseram estar propícios à prática de atividades relacionadas às lutas e à capoeira. Estes seriam conteúdos onde a resistência dos alunos seria baixa, e a facilidade para o professor trabalhar estes conteúdos existiria. Mas é importante salientar que a maioria das justificativas relacionada às lutas e à capoeira, foi de alunos que não gostariam de ter estas aulas por serem atividades violentas e que poderiam gerar violência. Ou seja, a maior parte dos alunos foi favorável à presença das aulas de lutas e capoeira e a justificaram de diversas maneiras mas a maior parte dos alunos que se posicionaram contra estas atividades, as relacionaram com a violência.

Já para as aulas teóricas, os alunos são, em sua maioria, contrários em relação à presença destas. Os que compreendem sua existência a justificam dizendo ser necessário aprender as regras dos esportes. Temos então que a maior parte dos alunos acredita que a única função das aulas teóricas é para explicar as regras dos jogos. Mas vale repetir aqui a pergunta que fiz no momento da análise das respostas dos alunos: Será que caso fosse trabalhado nas aulas teóricas não só as regras, mas também outros temas, os quais sabemos são de interesse dos alunos, estes não veriam com melhores olhos a existência das aulas teóricas?

Acho propício, neste momento, fazer um retorno à introdução deste trabalho. Coloquei como meu problema, tentar perceber se ocorre e por que ocorre uma rejeição e falta de motivação dos alunos do Ensino Médio com relação aos demais

conteúdos possíveis de serem trabalhados nas aulas de Educação Física. Vale lembrar que já disse anteriormente, é impossível chegar a uma conclusão definitiva nesta pesquisa, já que não há um consenso nas respostas dos alunos. Mas, tentando ir de encontro ao meu problema, acredito que exista uma certa rejeição por parte dos alunos, mas diferentemente do que acreditava, esta rejeição não é da grande maioria dos alunos. E essa rejeição depende muito do conteúdo que estará sendo proposto. Na especificidade da minha pesquisa, ficou claro o interesse dos alunos por aulas de lutas e capoeira. Já com relação à dança, jogos e brincadeiras, maiores dificuldades existiriam. Portanto, a rejeição existe sim, os alunos fazem uma objeção a outros conteúdos, mas há também uma disposição para com novas possibilidades.

E se lembrarmos os meus objetivos, veremos que busquei no decorrer deste trabalho descobrir quais as possíveis causas de uma parte dos alunos do Ensino Médio não aceitarem que as aulas de Educação Física sejam compostas por “outros” conteúdos, já que é possível que o interesse de grande parte desses alunos seja apenas praticar os quatro bols: futebol, voleibol, basquetebol e handebol. Acredito que essa não aceitação por parte dos alunos é decorrente de uma falta de oportunidades para realizar outras práticas. Os alunos sempre jogaram os quatro esportes. Isso para eles acaba se tornando Educação Física. Temos que alguns alunos até confundem Educação Física com prática de esportes. Com isso, alguns alunos acabam aceitando apenas os quatro esportes em suas aulas de Educação Física.

E meu outro objetivo era tentar perceber a necessidade/interesse dos alunos com relação a essas outras possibilidades de conteúdos para as aulas de Educação Física. Acaba existindo um certo dualismo neste momento. Enquanto existem alunos que acreditam ser suficiente apenas a prática dos quatro esportes mais tradicionais, outros alunos necessitam de outras práticas. Isso fica claro se percebermos que a grande maioria dos alunos foi favorável à presença de pelo menos um novo conteúdo que foi perguntado nos questionários (lutas, capoeira, dança, jogos e brincadeiras). E fica ainda mais evidente quando alguns alunos justificam a presença de novos conteúdos para as aulas respondendo que é para sair da “mesmice”, para

ter algo diferente nas aulas. Muitos alunos necessitam sim de outras possibilidades para as aulas de Educação Física.

Portanto, termino meu trabalho dizendo: alguns alunos rejeitam novos conteúdos nas aulas de Educação Física. Estes estão satisfeitos com o que ocorre atualmente. Outros, gostariam de novos conteúdos e a preferência destes é com relação às lutas e à capoeira. Mas, ao contrário do que eu imaginava no início desta pesquisa, o professor é uma das chaves para mudanças. Quando me propus a pesquisar este assunto, acreditava que os alunos por si só não tinham interesse e isso bastaria para impossibilitar as aulas de novos conteúdos. E com o decorrer do trabalho percebi que o professor pode, com sua coragem, com sua autonomia, com sua capacidade, reverter o quadro atual.

Mas vale lembrar que o professor é sim uma das chaves, portanto, não a única. Não podemos transmitir apenas ao professor toda esta responsabilidade. Devemos lembrar que na maioria dos colégios públicos nos deparamos com falta de materiais e espaços para que o professor realize seu trabalho. Muitos colégios realizam a Educação Física em contra-turno, o que diminui a presença de alunos e conseqüentemente a importância das aulas de Educação Física. Há outros casos onde a exigência do colégio é que este tenha presença representativa em jogos escolares e isso obriga o professor a se tornar um técnico e os alunos atletas nas aulas de Educação Física. Então sabemos, que muitas vezes, motivos maiores, que fogem das mãos dos professores impedem a realização de determinadas atividades, determinados conteúdos nas aulas de Educação Física.

Portanto, não podemos apenas execrar os professores e jogar em suas costas toda esta responsabilidade. Mas na parte que o compete, se o professor for capaz de deixar claro quais os seus objetivos, quais os seus interesses quais as suas necessidades para determinada aula, os alunos, em grande parte, aceitariam e participariam das aulas. Auxiliariam o professor, e com isso, uma maior credibilidade, um maior significado surgiria para a Educação Física. Não apenas professor e alunos, mas todos conseguiriam enxergar a importância da Educação Física nos colégios, e que essa importância não seria apenas a diversão e descontração dos alunos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. 2ª ed, Campinas: Papirus, 1995.

BETTI, Mauro. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para que? **Revista paulista de educação física**. Vol 13, nº2, p.282-287, 1992.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9394/96**. Brasília: Senado Federal, 1996.

_____. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares do Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEB/DPEM, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb>> acesso em 15 de nov. 2005.

_____. Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**: linguagem, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Maria. R. F. da. **O lugar da diferença na formação em educação física: um estudo de casos institucional no departamento de educação física da Universidade Federal do Paraná – Brasil**. Tese de doutorado em filosofia e ciências da educação. Universidade de Barcelona, 1999.

DAÓLIO, Jocimar. Educação física escolar: em busca da pluralidade. **Revista paulista de educação física**. Supl.2, p.40-42, 1996.

DARIDO, Suraya. C. **Educação física na escola**: Questões e reflexões. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2003.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**: Ijuí: Unijuí, 1996.

MARCELLINO, Nelson. C. **Lazer e educação**. Campinas: Ed. Papirus, 1987.

_____. **Pedagogia da animação**. Campinas: 3ª ed. Papirus, 2001.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **Orientações curriculares de Educação Física**. SEED/DEM: Curitiba, 2005. (versão preliminar) Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/diretrizes>> acesso em 15 de nov. 2005.

PINHEIRO, Ana. P. A. **A aplicabilidade da dança no ensino médio e sua relação com a questão de gênero e idade**. Monografia de graduação do Curso de Educação Física, UFPR. Curitiba, 1998.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus. A. T. de. Práticas pedagógicas da Educação Física nos tempos e espaços escolares: a corporalidade como termo ausente? In: BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo (orgs) **A educação física no Brasil e Argentina: identidade, desafios, perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 2003.

VAGO, Tarciso. M. Educação física na escola. Lugar de práticas corporais lúdicas. **Presença pedagógica**. V.2 N.10 jul/ago, p.51-57, 1996

ANEXOS

Questionário para os alunos

1. O que é trabalhado nas aulas de educação física?
2. O que você mais gosta nas aulas de educação física?
3. O que você menos gosta nas aulas de educação física?
4. O que você acha que deveria ter nas aulas de educação física?
5. Você gostaria de ter aula de capoeira e lutas? Por que?
6. Você gostaria de ter aula de dança? Por que?
7. Você gostaria de ter brincadeiras e jogos nas aulas de educação física? Por que?
8. Você acha que as aulas de educação física devem ser só práticas ou deve ter aulas teóricas também?
9. O que tinha nas suas aulas de educação física na 1ª à 4ª série?
10. O que tinha nas suas aulas de educação física na 5ª à 8ª série?
11. Qual a sua opinião sobre os espaços e materiais disponíveis no colégio para a prática das aulas de educação física?
12. Você acha que meninos e meninas podem fazer aula juntos? Por que?
13. Para você, qual a importância das aulas de educação física na escola?

COLÉGIO ESTADUAL ~~XXXXXXXXXXXX~~
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

PLANEJAMENTO ANUAL 2004

Disciplina: Educação Física		Professora: XXXXXXXX	Série: 1º <i>1º ano</i>
Conteúdos Conceituais	Objetivos Atitudinais	Avaliação	
Voleibol Handebol Basquete Futsal Futebol Atletismo Tênis de Mesa Xadrez	1 – Valorizar os efeitos que as práticas corporais e hábitos saudáveis exercem sobre a aptidão física 2 – Favorecer a superação de limites pessoais 3 – Vivenciar e aplicar os conceitos técnicos e táticos adquiridos em jogos esportivos, recreação e ginásticas 4 – Valorizar e respeitar as sensações e emoções pessoais, aos dos colegas e professores 5 – Respeitar o limite pessoal, atividade física e moral sua e de seus companheiros.	- Avaliação Teórica - Avaliação Prática - Trabalhos - Pesquisas	

COLÉGIO ESTADUAL ~~XXXXXXXXXX~~
ENSINO FUNDAMENTAL E MEDIO

PLANEJAMENTO ANUAL 2005

Disciplina: Educação Física			Professora: XXXXXXXXXX			Série: 2º		
Conteúdos Conceituais			Objetivos Atitudinais			Avaliação		
Atletismo Voleibol Handebol Basquete Futsal Futebol Xadrez			1 – Valorizar os efeitos que as práticas corporais e hábitos saudáveis exercem sobre a aptidão física 2 – Favorecer a superação de limites pessoais 3 – Vivenciar e aplicar os conceitos técnicos e táticos adquiridos em jogos esportivos, recreação e ginásticas 4 – Valorizar e respeitar as sensações e emoções pessoais, aos dos colegas e professores 5 – Respeitar o limite pessoal, atividade física e moral sua e de seus companheiros.			- Avaliação Teórica - Avaliação Prática - Trabalhos - Pesquisas		

COLÉGIO ESTADUAL ~~XXXXXXXXXX~~
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

PLANEJAMENTO ANUAL 2005

Disciplina: Educação Física			Professora: XXXXXXXXXX	Série: 3º
Conteúdos Conceituais	Objetivos Atitudinais	Avaliação		
Atletismo Voleibol Handebol Basquete Futebol Futsal Xadrez	1 – Valorizar os efeitos que as práticas corporais e hábitos saudáveis exercem sobre a aptidão física 2 – Favorecer a superação de limites pessoais 3 – Vivenciar e aplicar os conceitos técnicos e táticos adquiridos em jogos esportivos, recreação e ginásticas 4 – Valorizar e respeitar as sensações e emoções pessoais, aos dos colegas e professores 5 – Respeitar o limite pessoal, atividade física e moral sua e de seus companheiros.	- Avaliação Teórica - Avaliação Prática - Trabalhos - Pesquisas		